

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXII

MARÇO DE 1961

N.º 174



SEMANA DE ORAÇÃO DOS MV

Letra: M. A. S.

Musica: S. W. B.

1. Temos por lu-tas pas-sa-do, Lutas te-miveis, cru-eis; Mas o Se-
2. Sim, Deus nos tem protegi-do Com a vi-cto-riaca-bal; Não se tem

1. nhor tem li-vra-do Del-las seus servos fi--eis. Força e poder nos tem
2. El-le esque-ci-do Que na pa-la-vra re-al Tu-do nos tem promet-

1. da-do; El-le nos tem susten-ta-do, Dando-nos su-a mão, Vi-da de
2. ti-do. El-le nos tem garan-ti-do Graça e fa-vor sem par, Sim, todo o

CôRO ou QUARTETO.

1. paz, perdão, Sal-va-ção! } Sim, Deus é por nós! Quem nos vence-rá?
2. bemes-tar Quer nos dar!

Dar-nos-ha po-der real; Deus nos guardará. Defender-nos-ha, Li-vra-
guardará.

rá do mal. Vamos, pois, jovens, cantar, o Senhor lou-var, E-xal-tar!

18 A 25 DE
MARÇO DE 1961

A fim de que não nos desviemos

«Portanto convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas». Hebreus 2:1.

Estas são palavras oportunas, especialmente para a nossa juventude que está novamente a ouvir o apelo de Cristo nesta Semana de Oração. Muitos se aproximarão d'Ele e procurarão uma mais profunda entrega; uma nova paz e alegria se encontrarão na vida cristã.

Que tristeza que os nossos jovens estejam sempre a perder a preciosa presença de Cristo! Mas o perigo de negligência e o constante perigo de afastamento, das coisas que temos ouvido e do Salvador a Quem prometemos servir, estão sempre presentes. Que cada crente esteja vigilante para que não comece a desviar-se e a negligenciar essas coisas que são vitais para a paz com Deus e para uma vida vitoriosa.

«Salvação» é a palavra-chave do maravilhoso Livro aos Hebreus. É uma grande palavra e inclui todo o processo. Em Cristo há uma salvação presente assim como final. Cristo é agora o nosso refúgio, o nosso porto. Fora desse porto o mar é agitado, os ventos são furiosos, as correntes arrebatadoras. Dentro, os navios navegam seguros e as águas não dão pela tempestade que rugirá sobre dele. Que belo emblema é este, que Cristo é nosso Refúgio, em Quem a alma arrastada pela tempestade pode encontrar abrigo e paz!

Mas estamos em perigo, em grave perigo, de nos desviarmos deste porto seguro e abrigado devido à negligência. «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação?» Heb. 2:3. Está o vosso navio ainda navegando com segurança nesse porto? Dentro há segurança; fora há perigos e mares procelosos. Oh, quantos jovens há que estão precisamente desviando-se! Parecem ter

~~~~~  
POR E. L. MINCHIN'  
~~~~~

perdido a vontade e as forças para voltar as suas embarcações na direcção deste porto, que é tão grande que pode conter todos os navios da raça humana.

«Desviar» e «negligenciar» são as duas palavras de aviso que aqui encontramos. Nós não tencionamos desviar-nos, mas por cada jovem que actualmente se está voltando para Jesus, centenas se estão desviando d'Ele. O oceano da vida está cheio de correntes que nos arrastam do porto para o mar. O desvio pelos velhos hábitos, antigas relações, nossa própria natureza pecaminosa e pressão da tentação, é qualquer coisa que só pode ser resistida por uma determinação resoluta, severos combates com nós mesmos e oração fervorosa.

Tomai o cristão professo que agora mal abre a sua Bíblia ou

ora. Ele não chegou a esta situação num simples salto. Ele foi-se desviando pouco a pouco. É mais fácil, mais agradável o desviar-se. Não há nenhum meio de escape para o que negligencia esta grande salvação. O jardim abandonado não pode deixar de se cobrir de ervas daninhas. O médico que negligencia as precauções vulgares contra a doença não escapa. O Israelita que negligenciou pôr o sangue na ombreira da porta não escapou. O marinheiro, que rejeita o barco salva-vida e o porto, não escapa.

Vede em volta de vós, chefes da juventude. Estão os mancebos e as jovens por quem Cristo morreu desviando-se neste momento? Estão eles conscientes do perigo? Estão os seus navios lutando no mar alto? Se assim é, pedi-lhes que convidem o forte Filho de Deus a entrar a bordo e pilotá-los mais uma vez para o porto de segurança.

Ordens de Marcha

~~~~~  
POR DON YOST  
~~~~~

Que supondes ser a oração? É um método de comunicar com um amigo interessado? É um meio mágico pelo qual uma pessoa se convence que é santa? É uma forma de encantamento que agrada a um Deus legalista?

Conheceis a resposta. «A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo». — *Aos Pés de Cristo*. Mas conhecer uma definição e o torná-la viva na vida são duas coisas completamente diferentes. Podemos saber o que é a oração, mas, usamo-la nós na maneira como deve ser usada?

O mundo anseia por pessoas que orem com poder, homens, mulheres e jovens que possam dar às palavras de Deus o seu devido valor, que, como Jacob, possam lutar com o anjo do Senhor e que amem

tanto o seu Criador e Redentor que têm de falar com Ele a cada instante. (I Tess. 5:17). A oração é uma ferramenta com a qual iniciamos acções que sòmente são possíveis pela cooperação divino-humana.

A oração é uma conversa na sua mais elevada forma, e, como tal, deve ser mais do que uma gloriosa lista de Natal, mais do que uma requisição encomendando as necessidades da vida, mais do que um pedido de aumento de salário, mais do que o fechar de contas ao terminar o dia.

A oração é justamente um acto espiritual tão real como o acto fi-

(Continua na pág. 16)

(Sábado, 18 de Março de 1961)

Os pobres do Reino

«*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus*». Mat. 5:3.

Nas praias da Galileia, Jesus, o Filho da justiça, «abriu a boca, e ensinou-lhes». Começando com as Bem-aventuranças, Ele ensinou aos Seus ouvintes o que se tornou conhecido como o Sermão da Montanha. As Bem-aventuranças formam o vestíbulos desse grande templo da verdade. «Bem-aventurados» é a palavra que está por cima da porta. Esta «bem-aventurança» não é um sentimento que é experimentado pelas várias classes mencionadas. É antes a avaliação divina dessas classes.

Quando o Mestre subia ao monte, não ia acompanhado de fanfarras de trombetas, pompa e ostentação. Este Rei, sublime na simplicidade da Sua virilidade, fez a ascensão, reuniu em torno de Si um grupo de leais seguidores que O não compreendiam perfeitamente, e ensinava-lhes que não há nada de maior importância do que a formação do carácter. As Suas primeiras observações foram sobre os fundamentos do reino. Alguém chamou-os «O Manifesto do Rei».

Nestas Bem-aventuranças Jesus expôs o desenvolvimento da nova vida desde o princípio ao seu termo. As sete Beatitudes formam a linha ascendente em que a nova vida é traçada de fase em fase. Na base encontramos a pobreza de espírito: «*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus*».

O que o Homem é

Os ideais humanos estão hoje estranhamente misturados com materialismo e proezas militares. O Rei no monte não disse uma palavra sobre o poder racial, proezas militares, ou pompa material. As palavras sublimes do Senhor revelam o propósito de estabelecer um

reino — para que os súbditos possam ser «bem-aventurados» ou «felizes». «Bem-aventurado» é uma condição em que há perfeita paz e alegria. «Feliz» é uma palavra cheia de sol e transbordando justamente do que o homem procura por mil maneiras falsas. Para uma pessoa ser feliz precisa de esquecer-se e viver de tal maneira que mereça a felicidade. Esta felicidade não depende do que se faça ou do que se possua mas do que se é. Nem uma palavra é proferida nas Bem-aventuranças acerca do que se faça ou do que se possua. O que importa é o que o homem é. «O carácter é um diamante que risca outra qualquer pedra», disse Bertal.

A biblioteca de Abraão Lincoln era constituída por bem poucos livros nos primeiros 30 anos da sua vida. Ele reflectia tanto tempo sobre os grandes autores que os seus pensamentos entraram na própria estrutura da sua mente. Enquanto Lincoln se conservava afastado dos seus companheiros e alimentava a sua própria alma, inumeráveis jovens entraram para a escola, leram centenas de livros e, depois de quatro anos, saíram um pouco menos ignorantes do que antes. O que um curso e uma biblioteca não puderam fazer, recolhimento e comunhão com Deus habilitaram-no a romper a barreira. E finalmente foi — professor, condutor, sábio e estadista da época, grande orador — o homem que se tornou uma voz para tudo o que havia mais profundo e de melhor nos corações do povo comum. Lincoln foi o homem empregado por Deus.

Ele tem o Reino

Jesus não diz que dará o reino ao homem que é pobre de espírito. Nem diz que lhe dará o reino para o fazer feliz. O «pobre de espírito» é feliz ou «bem-aventurado»

porque tem o reino de Deus. Assim a felicidade é uma consequência natural, não uma recompensa arbitrária. A bem-aventurança cresce em fortaleza de carácter. Nas Beatitudes o Rei descreve os atributos de carácter sobre o qual o reino de Deus deve ser fundado.

Ser «pobre de espírito» é possuir a primeira destas qualidades. Que é esta pobreza de espírito? É o oposto do orgulho e egoísmo. É uma humilde e justa opinião de nós mesmos, de nosso carácter, nossas obras, baseada num claro reconhecimento das nossas próprias necessidades, fraquezas e pecados.

Conta-se a história dum vizir oriental que levava consigo um cofre. Um homem perguntou-lhe que continha o cofre e foi-lhe permitido olhar para dentro dele. Ele apenas viu uma peça de roupa trabalho dum operário. Disse o vizir: «Era isto que eu era quando o nosso soberano se dignou erguer-me. Se porventura o meu coração é tentado pelo orgulho, eu corrijo-o olhando para estas coisas e digo: «Lembra-te do que foste».

O «pobre de espírito» está também disposto a deixar-se dirigir. A pessoa que não é pobre de espírito é rebelde, contenciosa, discordante. A vida que está disposta a ser dirigida é dirigida. O render as nossas vidas ao Rei é ter as nossas vidas administradas pelo Rei.

O orgulhoso de espírito não dá o primeiro passo para o reino de Deus. «O orgulhoso não sente nenhuma necessidade e assim fecha o coração a Cristo e às infinitas bênçãos que Ele veio dar-nos». — *Pensamentos Sobre O Sermão da Montanha*. O amor próprio é sensível a toda a desconsideração e ofensa, reais ou imaginárias. Foi um anjo sensível e orgulhoso que cometeu o primeiro pecado. Quanto mais pecou mais sensível se

tornou. Finalmente, passou para além do limite da salvação.

A ofensa abunda onde o pecado abunda. Era impossível evitar de ofender os Seus ouvintes. Ao terminar um sermão que Ele pregou: «muitos dos Seus discípulos tornaram para traz, e já não andavam com Ele». Os fariseus, igualmente, se ofendiam facilmente com a verdade do reino do nosso Senhor. A verdade sempre ofende os que andam em erro por causa do seu amor próprio.

Aspecto Positivo

Se estes são negativos, qual é o aspecto positivo de ser-se «pobre de espírito»? Isaias diz-nos: «*Porque assim diz o alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos*». Is. 57:15. Disse Gedeão, quando o Senhor lhe enviou um anjo para dizer-lhe as grandes coisas que ele ia realizar, disse: «*Com que livrarei a Israel? eis que o meu milheiro é o mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai*». Isto é ser pobre de espírito.

Esta mesma atitude encontra-se no Novo Testamento no Apóstolo Pedro que era naturalmente agressivo, temerário, confiado em si mesmo — um homem típico do mundo, cheio de confiança e crença em si mesmo. Mas quando ele vê o Senhor, diz: «*Senhor, ausenta-Te de mim que sou um pecador*». Paulo disse: «*E para estas coisas quem é idóneo?*». Paulo sentia não ser idóneo porque era «pobre de espírito».

Nós que estamos tão aptos a tocar a trombeta da satisfação própria podíamos aproveitar fazendo a nós mesmos algumas perguntas francas. Que tendes que não tendeis recebido? Onde o obtivestes? Quanto tempo vai durar? Será afinal uma coisa de grande im-

portância? Possuís uma bela personalidade, tendes uma elevada educação e sois uma pessoa inteligente, sois um bom estudante? Tendes uma boa situação financeira? Tendes sido bem sucedido e próspero na vossa carreira juvenil e podeis olhar para os outros, que fracassaram e estão abaixo de vós em finura e posição social com uma expressão de piedade ou um sorriso provocador? Fá-lo-eis?

Tomai cuidado! Os pavões cheios de vaidade com as suas próprias penas não podem ver as outras aves. Mas vós e eu somos almas com reptos inspirados da parte de Deus. Devemos desejar ser humildes para que possamos ser grandes, e devemos desejar conhecer não a nossa própria grandeza mas a grandeza de homens e mulheres entre aqueles com quem vivemos.

Um grande poeta disse-nos que as coisas que conduzem ao poder soberano são o espírito de sacrifício, a reverência e o domínio próprio. Em certo sentido isto pode ser lógico, mas o mais profundo conhecimento de si próprio conduzirá a aborrecer-se e não a exaltar-se, e o domínio próprio só é possível quando ao conhecermos a nossa incapacidade para lutar contra o mal nos lançamos sobre o Cordeiro de Deus e Lhe pedimos que nos guie. Certamente a verdadeira atitude para um jovem adventista é a de não levantar demasiadamente os olhos para o Céu mas sim de bater no peito e dizer: «Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador». Depois virão as maravilhosas palavras: «*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus*».

A Admissão ao Reino

A natureza deste reino é eterna. Começa aqui. «Conforme é usada na Bíblia, a expressão 'reino de Deus' designa tanto o reino da graça como o da glória». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 255.

Quando aceitais o evangelho, tornai-vos um membro do reino da

graça. Sois admitido conforme a vossa profissão. Tanto o trigo como o joio crescem juntos até à ceifa. O reino é espiritual. Não tem fronteiras territoriais. Não faz apelo à força das armas ou ao direito de conquista. É fundado sobre o carácter. A glória do reino é o amor abnegado de Cristo. Ele começou este grande reino de espírito de sacrifício aqui na Terra. Os que possuem o Seu carácter suportarão todas as provas para continuarem no reino. O reino prevalece pela «implantação de um princípio novo no coração dos homens». — *Parábolas de Jesus*, pág. 35. Assim o reino tem duas fases. O reino da graça foi instituído imediatamente após a queda do homem, mas actualmente estabelecido na morte de Cristo. Será consumado na Sua segunda vinda.

O reino da glória será no futuro. «Sobre o monte (da transfiguração), foi representado em miniatura o futuro reino da glória». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 318. «Não poderá o Seu povo receber o reino antes do advento pessoal de Cristo». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 237.

A pessoa que se esvazia a si mesmo e se enche de Deus encontra-se nos primeiros degraus da escada das Beatitudes. É um bom membro do reino da graça aqui. Como um filho de Deus é candidato ao futuro reino da glória. Terá aqui e agora a salvação de Cristo, a Sua protecção. As Suas misericórdias o cercarão todos os dias e os Seus anjos o guardarão todas as noites, e ao longo do seu caminho o guiará com os Seus conselhos e depois será recebido na Sua presença, onde há plena alegria e prazeres infínitos.

Sois vós um deles?

«Nada é, na aparência, mais impotente e, no entanto, realmente mais invencível, que a alma que sente não ser nada e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Deus enviará todos os anjos do Céu em auxílio de uma alma tal, de preferência a permitir que fosse vencida». Test., Vol. VII, p. 17.

(Domingo, 19 de Março de 1961)

Consolação para os que estão tristes

«Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados». Mat. 5:4.

Examinemos esta Bem-aventurança duma raça caída, a qual foi chamada uma das declarações de Cristo mais originais e que causam surpresa. É aparentemente contrária ao ponto de vista aceito por toda a humanidade e em todas as épocas da história. (Porquê?) Porque nunca foi costume do homem invejar os que choram ou congratular os que realmente sofrem. Eles necessitam antes de comiserância e cartas de simpatia.

Toda a organização da vida — a ânsia de prazer, a busca de dinheiro, a energia e o entusiasmo dispendidos nos divertimentos — são expressões do grande objectivo do mundo, assim como escapar ao pranto e às aflições. Mas é dito ao cristão: «Bem-aventurados os que choram». Esta é uma bênção especial que pertence ao povo de Deus aqui e agora.

Voltando à passagem paralela em Lucas 6, vêmo-la enquadrada numa maneira ainda mais impressionante. «Ai de vós os que agora rides!» disse nosso Senhor, «porque vos lamentareis e chorareis». Esta passagem condena o aparente riso, jovialidade e felicidade do mundo ao pronunciar um ai sobre ele. Mas promete bênção e felicidade, alegria e paz aos que choram. É claro que aqui se trata primeiramente dum pranto espiritual.

Coração Triste

No excelente livro *Pensamentos Sobre o Sermão da Montanha*, da Irmã White, é-nos dito que esta lamentação é «a verdadeira tristeza do coração por causa do pecado». É a tristeza que nos faz descer ao fundamento rochoso da realidade. Habilita-nos a ver a vida verdadeira e na sua própria perspectiva. Onde estão as estrelas ao meio dia

quando o sol brilha resplandecente num céu sem nuvens? As estrelas estão na abóbada azul por cima de nós, mas não as vemos. São as trevas que fazem sobressair a sua luz. As trevas revelam o que a luz esconde. As aflições são para os discípulos de Cristo as trevas em que a consolação de Deus se faz sentir, e as promessas brilham para nos animar e firmar.

Um exame vulgarmente superficial das Bem-aventuranças apresenta-as como simples colecção de máximas sem relação entre si. Mas há entre elas uma ligação vital e progressiva. As jóias não são postas em monte. São colocadas cuidadosamente numa bela exposição e simetricamente.

Podemos também dizer que as Bem-aventuranças são um crescimento que procede duma raiz comum, fases no desenvolvimento do carácter cristão. O homem pobre de espírito é assim porque aprendeu a reconhecer a sua própria incompetência. Aprendeu a reconhecer o seu próprio imeritamento. Está consciente dos seus próprios fracassos. Sabe que não pode por ele mesmo alcançar os ideais que lhe são apresentados pelo Senhor. Operando neles um por cada vez, como se subisse uma escada, degrau após degrau, ele pode atingir a estatura cristã. Cristo é a raiz.

Esta Bem-aventurança fala da pessoa que chora sobre o seu próprio pecado, sobre o seu próprio fracasso, assim como a pessoa que chora a perda de alguém. Jesus tinha em vista o «conforto» que o cristão pode receber pelo pranto. Esta bela palavra «conforto» está relacionada com a palavra que Jesus empregou quando prometeu a vinda do Espírito Santo. O Consolador virá ao que está sofrendo e o curará. O «pobre de espírito» submetendo-se ao trono e governo do Rei, perturba-se imediatamente

te; então chora sobre o pecado, incompetência e fracasso. A alma é consolada com o conforto do Espírito Santo, a verdadeira vida e alma do reino do nosso Senhor.

Esmagado — para viver de novo

«Nunca houve uma vida de tal maneira esmagada que não pudesse ser verdadeiramente restaurada pela fé. Quando um rude boi ou furioso vento quebrou um arbusto e o lançou no chão despedaçado e quebrado, permanece aí apenas algum tempo, até que o poder da natureza no pé e na raiz começa a operar; e assim no fim do Verão, o esforço restaurador da natureza faz brotar outros ramos no arbusto. E se o coração do homem for esmagado, e Deus enviar suaves influências de conforto para o inspirar, não poderá o coração erguer-se acima da sua desolação?» — Henry Ward Beecher.

Devemos descer aos lugares recônditos das nossas vidas e reconhecer como, semelhantemente aos homens que Ezequiel observou na câmara escura, adoramos réptis, animais abomináveis, coisas impuras no mais fundo da nossa alma. Então possuiremos mais pobreza de espírito. Então conscientemente o nosso verdadeiro carácter orgulhará na aflição que é abençoada. Não somente devemos encarar como cristãos um sentido defectivo do pecado; há também muito frequentemente a falta de compreender a verdadeira natureza da alegria cristã. Um conhecimento defeituoso do pecado e uma concepção superficial da alegria, operando conjuntamente, produzem uma qualidade superficial de pessoa e uma verdadeira qualidade inadequada da vida cristã.

Há tanta superficialidade no mundo de hoje. O fracasso

em encarar o significado e consequências da pecaminosidade pessoal torna-se cada vez mais trágico. Se os milhões de pessoas, que complacentemente são registadas no censo como cristãos, pudessem, por um momento, ver o que são, como Deus as vê, haveria muito mais sordidez.

Contrição

Toda a essência do evangelho é que a convicção deve preceder a conversão; o sentido real do pecado deve vir antes que possa haver a verdadeira alegria da salvação. Dezenas de pessoas levam a vida inteira procurando encontrar esta alegria cristã. Algumas dizem que dariam alguma coisa para encontrá-la ou serem como aqueles que a possuem.

Em quase todos esses casos, a pessoa deixou de ver que deve ser convencida do pecado antes de poder gozar alegria. Ela prefere não encarar o facto do pecado. Pode com isso ficar imensamente aborrecida e dificultar que seja prêgado. Ela quer alegria sem a convicção do pecado. Mas isso é impossível. Nunca poderá obtê-la dessa maneira. Os que podem ser convertidos e ser verdadeiramente felizes e abençoados são os que primeiro do que tudo choraram. Assim a convicção é um passo essencial e preliminar para a verdadeira conversão.

Muitíssimos jovens vêem a convicção que conduz ao arrependimento e humilhação diante de Deus como se fizessem uma viagem ao Polo Norte. Por cada metro que avançassem na direcção da região Ártica, cada vez mais ficariam para trás a verdura, frutas, calor e civilização. Cada vez mais teriam esterilidade e frio. Muitos receiam que ir a Deus seja enfadonho e desolador em extremo. Não é. O pecador é o esquimó.

Mas se ele se torna inflamado com a concepção dum melhor clima, e deixando as regiões tristes, toma o barco «Arrependimento» e veleja em direcção à zona tórrida, ele fica cada vez mais surpreendido e animado com as novas formas de vegetação. Viu somente

verdura raquítica. Agora contempla pinheiros grossos e altos. É medida que se aproxima dos trópicos fica estasiado perante as belezas que observa. Então com que satisfação compara o novo lar que ele encontrou com o miserável que deixou para trás. Assim a convicção desafia-nos como fez o poeta: «Edifica para ti majestosos palácios, Ó alma minha!

A única panaceia para as nossas várias enfermidades e fracassos é Cristo, a fonte da vida. Queixas de descontentamento, fracassos e isolamento então cessarão. Então virão alegrias que satisfazem, dando novo vigor à mente e saúde e energia vital ao corpo. Esta é a doce alegria que nos vem pela tristeza — a verdadeira tristeza devida ao pecado e fracasso.

Ensinamentos Falsos

A juventude deste mundo é confrontada por muitos falsos ensinamentos e fantasias sobre a tristeza e consolação.

Buda oferece um nirvana que é pelo menos uma espiritualidade sem dor.

O estoico procura, luta, para tornar a sua alma insensível ao infortúnio. Se ele trespassar a sua armadura da indiferença orgulhosa e o ferir insuportavelmente, achará um meio de saída, cometendo o suicídio.

O hinduísmo oferece libertação de todas as ilusões aflitivas da vida pela extinção da consciência pessoal e absorção em Brahma.

Um outro, de concepção moderna, é escapar negando e ignorando a realidade do mal e assim procurando destruir o seu domínio sobre a consciência humana.

Nenhum deles satisfaz as necessidades do pecador. Estas panaceias envolvem a detenção, enfraquecimento, perversão, ou abandono da vida em si. Jesus veio a este mundo para oferecer vida abundante, e vida eterna. Ele dá a vitória sobre o pecado. Ele transmuda a tristeza e os suspiros em alegrias da criação, realizações, beleza, comunhão justa e amor.

O jovem adventista desenvolverá um apurado sentido do bem e do mal e terá uma profunda apreciação dos caminhos mais elevados e nobres da vida. Ao que desenvolve o gosto pela boa música, a música discordante de «rock and Roll» do vizinho torna-se detestável e desagradável. O elevado gosto da beleza quer dizer maior sensibilidade para o que é vil. A baixeza, a obscenidade, e os pecados dos outros, ou os seus próprios, causam-lhe somente pesar.

Por que sofremos?

Tomai ânimo, porque «as provações da vida são obreiros de Deus, para remover de nosso carácter impurezas... O Mestre não efectua trabalho assim cuidadoso e completo com material defeituoso. Só as Suas pedras preciosas são polidas, como colunas de um palácio.» — *Pensamentos Sobre o Sermão da Montanha*, págs. 14, 16.

Quando depois de pecarmos nos voltamos para Deus arrependidos por termos caído e transgredido, o amor de Deus corre mais depressa de que os nossos pés para vir ao nosso encontro e dar-nos a paz.

«E beijos emudecem a nossa vergonha; sim, e veste-nos com o melhor manto, que ordena aos anjos que nos tragam.»

Se verdadeiramente chorais, te-reis alegria, sereis felizes, e sereis «consolados». É quando vos virdes num estado miserável que o Espírito Santo vos revela o Senhor Jesus como vossa completa satisfação. Pelo Espírito vereis que Cristo morreu por vossos pecados e que está à dextra de Deus para interceder por vós. Vereis em Cristo a perfeita providência tomada por Deus para o que chora e sereis consolados. Não é só isto a verdade sobre a conversão. Continua a sê-lo na vida quotidiana do crente.

Achai-vos culpado do pecado; esse primeiramente lançar-vos-á por terra e vos fará chorar. Mas depois conduzir-vos-á para voltar a Cristo, e no momento que regressardes a Cristo, a paz e a felici-

(Segunda-feira, 20 de Março de 1961)

A doçura e mansidão de Jesus

«Bemaventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra». Mat. 5:5.

A descrição particular de nosso Senhor de verdadeiro cristão como «os mansos» causa verdadeira surpresa a muitos porque é tão completamente oposto a tudo que o homem natural pensa. A conquista do mundo — possessão de todo o universo — dada aos mansos, de todo o povo! Parece fantástico à mente mundana que pensa em termos de confiança própria e agressividade como os meios para conquistar e tomá-lo posse. Quanto mais uma pessoa se evidencia e se impõe, quanto mais organiza e manifesta o seu poder e capacidade, tanto mais possibilidade tem de ser bem sucedido.

O terceiro degrau na escada espiritual do desenvolvimento do carácter é muitas vezes mal compreendido mesmo pelos crentes. Chamai a um homem excelência, e ele será vosso amigo. Chamai-o humilde e ele se ressentirá. Parece perder a dignidade, civilidade e educação, e revela fraqueza. O homem do mundo antes quer parecer bem do que praticar o bem. A necessidade de mansidão é grande, mas o mercado é muito pobre. Muitos intelectuais e condutores poderosos do mundo usam mais a força, embora isso seja uma característica odiosa.

Não é Timidez

A mansidão não está relacionada com timidez. Não é um outro no-

me para temor, ansiedade, fraqueza, ou cobardia. A verdadeira mansidão é dos bravos e dos fortes. A palavra «manso» como é usada por Jesus não é inércia, mas energia. Não é negativa mas positiva. Não é passiva mas activa. Tem poder, mas domina-o. Tem força, mas controla-a. É disciplinada, mas é a acção dum fogo oculto.

O mundo inclina-se mais para a evidência das chamadas virtudes heróicas. Alguém disse: «Ele prefere um grande girassol dum amarelo vivo à violeta escondida no meio das ervas e fazendo notar a sua presença somente pelo seu aroma».

«Bem-aventurados os fortes que podem segurar o que lhes pertence», diz o mundo. «Bem-aventurados os mansos», diz Cristo.

Este versículo desafiador lembra-nos que o cristão é completamente diferente do mundo. É uma diferença na qualidade. Ele é um novo homem, ela é uma nova mulher, uma nova criação, pertencendo a um reino inteiramente diferente. Não só é um mundo que não tem parecenças com ele; ele possivelmente não o pode compreender. Ele é um enigma para o mundo. Notemos algumas das diferenças enunciadas.

Primeiramente, esta pessoa é diferente por causa da sua atitude ou disposição para com Deus. A verdadeira mansidão é muito mais profunda do que qualquer atitude para com os homens. Trata com a vontade de alguém. Toma posse

da soberana vontade de Deus como nosso supremo bem. É a vontade que torna a acção boa ou má. Quando a vontade é reverente, o cristão está no bom caminho para a perfeição. Então o significado de tudo que Deus faz connosco — alegrias e tristezas, luz e trevas, quando a Sua mão dá e quando a Sua mão tira, quando Ele ordena e quando ele restringe — é quando a nossa vontade deve ser plástica e flexível como um pedaço duma sola trabalhada na Sua mão. «A minha vontade, e não a tua, seja feita», transforma o paraíso num deserto. «Não se faça a minha vontade, mas a Tua», transforma o deserto num paraíso, fez do Gethsemane a porta do Céu.

Humildade num Asilo de Leprosos

Conta-se a história duma menina cristã que estava para casar. Ela era atraente e uma das mais capazes num orfanato. Apareceram-lhe manchas nas mãos e viu-se que estava leprosa. Foi retirada da instituição e levada para uma leprosaria. Vestiu-se com as suas lindas e brancas roupas vaporosas, ao dirigir-se na companhia de seu irmão a esse terrível lugar. As mulheres que aí se encontravam estavam cobertas de imundícies e os seus rostos pareciam tristes e sem esperança. Quando ela as viu apoiou a cabeça no ombro de seu irmão e pôs-se a chorar e a soluçar: «Meu Deus vou eu tornar-me como elas?» Ela estava tão angustiada que as pessoas que a rodeavam julgaram que ela se atirasse a um poço ali perto.

Os missionários simpatizaram com ela e perguntaram-lhe se não queria ser um auxílio para aquelas pobres mulheres. Um raio de esperança iluminou-a e compreendeu a sua missão. Ela iniciou uma escola e ensinou as mulheres a cantar, ler e escrever. Sabia

dade voltarão e sereis consolados. Assim vivemos a vida cristã — do pranto à alegria, da tristeza à felicidade.

Não há só este consolo imediato que nos é oferecido. Olhamos para a glória vindoura. Sabemos que o dia amanhecerá quando nosso Se-

nhor voltar para banir o pecado da Terra. Haverá «novos céus e nova Terra, em que habita a justiça». Olhando para esse dia, tão encorajadoras são as palavras de nosso Senhor: «Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados».

tocar órgão e por isso os missionários trouxeram-lhe um órgão portátil. Gradualmente teve lugar uma transformação. As casas foram limpas, arranjadas e arrumadas; as mulheres lavaram as suas roupas e pentearam os seus cabelos; e o horrível lugar tornou-se um lugar abençoado.

Depois de ali ter estado algum tempo, ela disse: «Quando vim para esta colônia duvidei de mim, e se eu não me tornasse leprosa, nunca teria descoberto a minha missão. Por todos os dias que viva eu Lhe agradeço ter-me enviado para aqui e ter-me dado este trabalho a fazer».

A Paciência Suporta

A humildade suporta, a humildade obedece. Aceitar as Suas deliberações, embora firam e dilacerem, sem murmurações, sem queixas, sem rebelião ou resistência, é a mais profunda concepção da humildade sobre que Cristo pronunciou a bênção.

Quando a tristeza cai sobre nós e a adversidade bate à nossa porta, necessitamos alguma coisa mais do que as forças naturais para permanecer firmes. Se pretendemos receber do Senhor alguma bênção, temos de a ganhar aceitando as nossas tristezas; então as tristezas a ceitas tornam-se uma solene alegria.

O boi que recalçitra contra o agulhão faz duas coisas. Não se livra dele mas fere as suas próprias pernas e faz que a ponta do agulhão ainda se enterre mais nas suas feridas abertas. Deixai um Deus sábio ferir, jovem amigo, porque quando Ele fere, corta com limpeza; e não há veneno na lâmina da sua faica. Humildade para com Deus é, primeiramente, paciente perseverança para com a Sua vontade.

Depois segue-se, como sequência natural, o que é praticamente todo o sentido da palavra, a humildade que é demonstrada para com os homens. O coração verdadeiramente humilde permanece sem se ofender apesar de todas as provocações.

Exame de Consciência

Muitos de nós, se somos honestos com nós mesmos, podemos ver o pecado e o mal em nós, e como eles nos arrastam e destróem os nossos caracteres! Todavia, torna-se difícil quando outros vêm os mesmos pecados em nós e se referem a esses pecados e faltas. Instintivamente nos ofendemos. Preferimos condenar-nos a nós mesmos a permitirmos que outros o façam. Eu sei por mim mesmo que sou pecador, mas eu não gosto que outros o digam, porque é humilhante. Assim não somos tão severamente provados pelo exame próprio como quando os outros focam a luz sobre nós.

Se vivermos pacificamente no meio dos conflitos presentes, devemos ter a paz interior. Nós não temos essa paz interior naturalmente. É suprida por Jesus Cristo através do Espírito Santo. «Aquele que aprende de Cristo, esvazia-se do próprio eu, do orgulho, e do amor da supremacia, e há silêncio na alma». — *Pensamentos Sobre o Sermão da Montanha*, pág. 20.

Nos campos de trigo as espigas que estão erectas tão orgulhosamente são as que têm poucos ou mirrados grãos de trigo ou nenhuns. As espigas que se inclinam tão humildemente são as que estão cheias de grão dourado do trigo. Nas nossas relações pessoais devemos estar esvaziados do eu e cheios do poder do Espírito. Em tudo que Jesus fez, «o próprio eu não aparecia». (Id., pág. 20).

Jesus convida: «Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração». Mat. 11:29. Não há lição mais difícil de aprender do que a lição da mansidão ou humildade. Não é ensinada nas escolas dos homens. A Sua escola oferece cursos em como ser-se humilde de génio, manso e dócil, que se não ofende ou se irrita facilmente, suportando as injúrias, e muito mais que pode ser uma ajuda para o cristão a tornar-se semelhante a Ele.

Esta escola ensina que a mansidão é o verdadeiro conhecimento de si mesmo, expressando-se na atitude e conduta para com os outros. Há pois duas coisas: É a

minha atitude para comigo e a expressão da mesma nas minhas relações com os outros. Quando eu tenho esse verdadeiro conhecimento em termos de pobreza de espírito e sofrimento devido à minha pecaminosidade, eu sou levado a ver que deve haver uma ausência de orgulho. O homem manso não tem amor próprio. Não se gloria de maneira alguma. Ele sente que não há nele nada para se exaltar. É a negação da psicologia popular de hoje em dia que diz: «Tem confiança em ti», «Mostra a tua personalidade». O homem que é humilde não deseja fazê-lo. Ele envergonha-se com isso. O homem manso não pede igualmente nada para si. Não reclama todos os seus direitos. Não reclama para sua posição, seus privilégios, seus haveres, seus interesses na vida. Ele atende à advertência de Paulo em Filipenses 2: «Que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus», Cristo não exaltou o direito de ser igual a Deus; deliberadamente não o fez.

Nesta escola podemos também aprender a não reclamar direitos acima dos outros. Algumas pessoas resmungam porque não obtêm aquilo que consideram ter direito, o devido respeito ou porque sentem que não são apreciadas. Não espereis muito dos outros. Não reclameis junto dos vossos amigos jovens. Quanto mais uma pessoa exige menos obtém. Quanto menos uma pessoa parece pensar nos seus direitos, mais suave é a sua parte.

A Maior Força do Mundo

Uma outra faceta da humildade é a amabilidade. É a maior força do mundo. Ela vence onde todos os outros fracassam. Um cristão pode martelar com toda a sua força num iceberg. Embora o pulverize continua a ser gelo. Mas deixe-o flutuar em silêncio na corrente do Ártico, caminhando tranquilamente para o sul; então os raios do sol actuam suavemente na sua frieza até que se dissolve nas águas quentes do oceano. A humildade é vencedora. «Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem».

(Terça-feira, 21 de Março de 1961)

A bondade, esse factor indispensável

«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos». Mateus 5:6.

Esta Bem-aventurança pode parecer um retrocesso — um recuo na nossa subida dos degraus das bênçãos. Mas é um progresso — uma ida para a frente. Quem é o homem que tem fome e sede da justiça, senão o homem que é propriamente manso e possuidor da terra? O que tem sido lamentado e confortado, é que é pobre de espírito e disposto a ser governado pelo Rei.

A vossa experiência no primeiro dos três degraus característicos da beatitude resulta num bom desejo espiritual. Depois vem a benevolência. A vossa suprema busca é estar imediatamente com Deus e guardar religiosamente no vosso espírito o seu poder, a sua determinação a sua pureza. Abençoados são os homens e mulheres que aspiram mais por graças do que por qualquer outra coisa.

O desenvolvimento de tal espírito, a busca depois da perfeição do espírito e conduta, é a mais alta aspiração que o homem pode estabelecer em si próprio. Há muitas outras ansias. Fome de sabedo-

ria; de amor e compreensão, necessidades físicas. Estas são legítimas, mas é melhor desejar ser um bom jovem ou uma jovem recta. Para que estamos nós no mundo? Estamos nós aqui para trabalhar, conhecer, para gozar as boas coisas? Certamente que estamos. No entanto, estamos também para aprendermos a ser jovens de carácter são. Todas as outras coisas são meros andaimes. O edifício é o carácter, como o carácter de Cristo, de acordo com a vontade de Deus.

O crescimento pode ser lento

Alguns de nós são muito facilmente desencorajados no processo de construir o carácter. Parece levar muito tempo. Deve-se aceitar o facto que o carácter está em constante desenvolvimento. Como em todas as coisas vivas, desenvolve-se vagorosamente. Não terá pressa. Não há nenhum método de estufa para desenvolver uma maravilhosa disposição. É necessário o tempo. No entanto, em cada estágio do desenvolvimento vós, e eu podemos ser aceites por Nosso Senhor se em cada estágio nós fizermos o melhor. Dêem tempo à

vinha, e ela dará uma suave florescência, um purpúreo cacho. Dêem tempo à criança para exercícios e dormir, e haverá uma linda cor rosada nas suas faces. Dêem tempo ao intelectual e ele tomará uma certa maturidade de refinamento e cultura. É claro, que não podemos perder tempo ou oportunidade para improvisos. Nós chamamos este processo de desenvolvimento do carácter a santificação. É progressivo, é um trabalho de dia a dia.

Ramo por ramo, fibra por fibra, o grande carvalho vai crescendo. Meditação por meditação e oração por oração a alma estabelece hábitos expande-se e cresce com alguma segurança. Moisés passou quarenta anos no deserto. Paulo viveu três anos na Arábia antes que começasse o seu trabalho em toda a extensão do mundo, como reformador e mestre. Jesus passou trinta anos no seu banco de carpinteiro antes de iniciar a sua missão, e mesmo durante os três escassos anos, passou muito do seu tempo nas montanhas e nos desertos que circundam o Jordão, em silêncio e solidão.

A precipitação da vida moderna

Há a insistência para se não ser susceptível. O humilde cessa de se vigiar. Deixa de defender-se porque compreende não valer a pena fazê-lo. Não tem comiseração de si mesmo nem sofre por sua causa. Ele nunca pensa: «Que maravilha se realmente os outros me derem oportunidade». **Í n ú t i l** comiseração!... O homem humilde põe de parte tudo isto.

Esta escola ensina o jovem cristão a suprimir o espírito de retaliação. Pedro admoesta a «*que sigais as Suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano. O qual quando O injuriavam, não injuriava, e*

quando padecia não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga justamente». 1 Pedro 2:21-23.

As Escrituras falam de três homens cujos rostos brilham e todos três foram notados pela sua mansidão ou humildade. É-nos dito que o rosto de Cristo resplandeceu na Sua transfiguração. Moisés, depois de ter estado no monte quarenta dias, desceu da sua comunhão com Deus e seu rosto resplandecia; e quando Estêvão estava perante o Sinédrio no dia da sua morte, o seu rosto resplandecia com glória. Se os nossos rostos devem resplandecer, devemos descer ao vale da humilhação; de-

vemos descer ao pó diante de Deus. João Bunyan disse que era difícil descer ao vale da humilhação, pois a descida para ele é íngreme e difícil; mas apresenta-se muito fértil e belo quando aí chegamos.

Como a cotovia que voa altíssimo, constrói o seu ninho baixíssimo; como o rouxinol que canta tão docemente, canta na sombra quando todas as coisas descansam; como os ramos que estão mais carregados de frutos, se inclinam para baixo; como o barco mais carregado, mergulha profundamente na água — também os mais santos Cristãos devem ser os mais humildes.

é estragar o que há de melhor em nós. Os homens estão a roubar às suas próprias almas os seus tesouros. A felicidade é justamente alcançada dentro dela; mas pelo contrário a maior parte das vezes escolhemos tormentos, confusão e miséria. Nesta fervente e irritável idade vós e eu devemos voltar para trás, para o perdido Eden de solidão, onde, na frescura do dia nós ouvimos dizer, «Ó todos aqueles que estão sedentos venham para as águas».

Ser agora cumpridor para com Deus agora e bons Cristãos todos os dias, é mais importante que ser um missionário *daqui a quatro anos*. O recém-chegado ao colégio, pode ficar impaciente sentindo que ficou ou mais anos de estudo é muito longo. Ele pode pela passagem da oportunidade estar agora em paz — ser cada dia um bom Cristão — trabalhando muitas horas e aproveitando muitas aulas. A irmã White, encorajou muitos de nós falando-nos de Cristo: «Ele efectuava o serviço de Deus, tanto quando estava trabalhando no banco de carpinteiro como quando operava milagres para a multidão. «O Desejado das Nações», Pág. 74. Também nós, não devemos esquecer que estamos ao serviço de Deus enquanto estamos em aprendizagem.

Busca sem fim

Este texto descreve-nos a mais feliz família: «Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça». Eles são verdadeiramente felizes. O mundo inteiro está em busca da felicidade. Este é o grande motivo quase sempre atrás de todo o acto e ambição. Tudo parece desenhado para a felicidade. A grande tragédia do nosso mundo é que, embora a maquinaria seja gerada para a felicidade, esta felicidade não é produzida. O que é que está mal? A dificuldade situa-se num básico mal entendido em como assegurar a felicidade. Nós pomos esta bem-aventurança, como o desejo principal e objectivo da vida e perdemo-lo. Ela ilude-nos tão facilmente. Porquê? Porque a felicidade nunca será qualquer coisa que se procure directamente. É sempre qualquer coisa que resulta da procura de qualquer outra coisa. Quando começa o intento, o principal objectivo, está perdido, porque só são verdadeiramente felizes aqueles que procuram ser justos. Ponha-se a felicidade no lugar de justiça e ela não existirá.

Deus ordenou que cada acto de obediência às suas leis proporcionasse força e ressonância a esses acordos que vibram alegria. A vida é uma escola: trabalho e infortúnio, vitória e derrota, labor em conjunto com os professores, mas

a felicidade é o ponto graduante. Mesmo de Ele, cujo nome está acima de todos os nomes, dizia-se que para a «Alegria» que foi estabelecida diante de Ele suportou a sua cruz. Se a justiça, por conseguinte, é o fim supremo e a aspiração da vida, a felicidade é a recompensa.

Caístes vós neste erro de procurar a felicidade se também, vós estais em séria dificuldade espiritual. Deixai-me elucidar-vos. Considerai um jovem sofrendo de uma doença dolorosa. Deseja ver-se livre da dor no seu mais urgente recurso. Suponhamos que o médico assistente está também altamente interessado em fazer desaparecer a dor do jovem. Nós duvidaríamos da sua habilidade para tratar com propriedade da doença, se não procurasse descobrir a causa da dor e tratar essa causa. A natureza cria as dores como um sintoma para chamar a atenção para o problema da doença. Tratar do sintoma é actuar ao contrário da natureza e pode significar sérias complicações ou perda da vida para o paciente. O paciente, pode por este modo, ficar liberto da dor, mas ter ainda a doença.

Isto é precisamente a loucura da qual o nosso mundo é culpado. Eis as razões, «Quero ficar livre da minha dor por isso irei ao teatro, ao baile, ao ringue de patinagem e à pista de «Bowling».

Permitam-nos que vos conte o que acontece a semelhantes pessoas vitoriosas. «Eles herdarão a Terra». As mercês que uma pessoa recebe com a condição de ser uma verdadeira discípula são uma e a mesma essência. Diferem, unicamente, em grau — agora e no futuro. É a herança presente que não pode ser medida por acres. A calma aceitação da vontade de Deus e a obediência à mesma, o amor e a generosidade para com todos os homens traz com eles a paz de coração que ultrapassa qualquer valor material.

A mansidão dos discípulos de Cristo vive e prospera e é aben-

çoada com uma quantidade de boas coisas; no entanto estas coisas podem parecer pequenas para os outros». Vale mais o pouco que tem o justo, do que as riquezas de muitos ímpios». Salmo 36:17. A Paz na alma é inestimável. Então, quando eu vejo homens maus coroados reis e os perversos em prosperidade, digo para comigo mesmo, «Isto não pode durar para sempre». Então oiço o que o salmista diz: «*Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como árvore verde na Terra natal. Mas passou e já não é: procurei-o, mas não se pôde encontrar. Nota o homem sincero, e considera o que é recto,*

porque o futuro d'esse homem será de paz». Salmo 37:34-37.

O mais remoto cumprimento da promessa é aquele de que o redimido herdará a Terra nova. Agora o perverso rege a terra mas só temporariamente. O povo de Deus viverá um dia numa perfeita sociedade nesta terra renovada. O manso terá de esperar — mas não por muito tempo. O dia dourado aproxima-se rapidamente. É uma doce música para o ouvido do fiel e como carrilhões de prata por cima da alma de todos os jovens que amam o Senhor: «*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*».

Alguns cigarros para os meus nervos; uma bebida ajudar-me-á a esquecer a minha dor. A pergunta mantém-se. Qual é a razão da minha dor, infelicidade, aventuras miseráveis? Não são felizes aqueles que procuram depois da felicidade as bênçãos. Não. «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos». Mateus 5:6.

Onde se encontram felicidades

Esta é igualmente a verdade de muitos membros da igreja. Grande número de pessoas passam as suas vidas procurando alguma coisa que nunca encontram — procurando qualquer qualidade de felicidade e bênçãos. Recentemente, uma mulher disse-me, «Não encontrei a felicidade na sua igreja». Ela representa a multiplicidade de pessoas que vão de reunião para reunião, de convenção para convenção sempre esperando alcançar esta maravilhosa coisa — que a experiência as satisfará com alegria e encherá com êxtase. Outras parecem tê-la, mas nunca a reivindicam. Isto não é surpreendente. Nós não estamos muito esfomeados e sedentos depois de experiências emocionais nem depois de abençoados. Se nós queremos ser verdadeiramente felizes e abençoados devemos estar famintos e sequiosos depois da justiça.

O que quer dizer esta justiça? É a vossa pergunta. O desejo pela justiça quer dizer o desejo de ser livre do pecado, em todas as suas formas e em todas as suas manifestações. O pecado separa-nos de Deus. Por isso, o cristão anseia por estar livre de pecados o que lhe dará o direito das boas relações com Deus. A menos que esteja conforme com Deus, ele está errado em qualquer outra parte.

Também significa um desejo de ser livre do poder do pecado. Mas vai ainda mais longe. É um desejo de ser livre do grande desejo de pecar. O facto terrível é que o pecador gosta de pecar e procura-o. Mesmo depois de ter visto que estava mal, continua a desejá-lo, como um homem que está

convencido das possíveis terríveis consequências de fumar, mas continua a fumar porque gosta. Mas o homem que está faminto e sedento da justiça é uma pessoa que procura ver-se livre desse desejo de pecar, tanto interiormente como exteriormente. O Cristão suspira a salvação da corrupção do pecado.

Controlando a paixão da vida

Nós devemos estabelecer relações com Deus se estamos livres da corrupção. Para a «fome e sede» mesmo sobre o ponto de vista da dor, torna-se necessário. O nosso desejo não deverá ser somente um sentimento passageiro ou desejo. Ele será qualquer coisa que guarde com segurança até estar satisfeito. Não pode guardá-lo ainda; ele trabalha e fatiga-se. Pensai constantemente acerca dele e sonhai com ele. Esta ambição torna-se a paixão controlada da vossa vida. O salmista resumiu-a muito bem no Salmo 42: 1, 2: «Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?». J. N. Dorley, escreveu uma vez, «Estar faminto não é suficiente; preciso realmente ansiar por conhecer o que é que está no Seu coração em relação a mim. Quando o filho pródigo estava faminto alimentou-se com cascas, mas quando estava a morrer de fome voltou para o seu pai. «Faminto e sedento é verdadeiramente, estar desesperado, estar a morrer de fome, é sentir que a vida decai, é desejar a minha urgente necessidade de ajuda».

Numa noite, há muito tempo, um pastor na Nova Inglaterra foi acordado pelo toque do telefone. Um jovem de dezasseis anos pediu desculpa por telefonar à meia-noite mais afirmava que estava tão desesperado que necessitava imediatamente de auxílio. O pastor percorreu trinta milhas para ir ter com ele na sua aflicção. Resistiu ao chamamento do Senhor por muitos meses para lhe dar o seu coração

e viver para Jesus. Houve grande oposição por parte dos pais e familiares. Nessa noite, particularmente, teve um sonho que lhe pintou uma hoste de gente feliz vestida de branco a certa distância dele e através de um estreito e escuro abismo. Uma voz chamava continuamente para ele atravessar antes que fosse tarde demais.

O jovem sentou-se com o pastor no seu carro e contou a sua história. As luzes dos faróis cortavam, através da profundidade, a grande cascalheira para além da sua casa. A mensagem tornava-se viva e cheia de sentido como lhe realçava a cena. Aquele jovem tomou uma decisão nessa noite — uma decisão para aceitar as promessas do Senhor. Jesus prometeu dar a cada um de nós que pedisse aquele espírito de vida, que foi Ele próprio o qual nos fará «livres da lei do pecado e da morte». Graças a Deus isto acontece imediatamente. Mas é também um processo contínuo.

Já se passaram muitos anos desde aquela experiência. Como aquele jovem cresceu com Cristo, outros podem ver como Cristo vem para a vida deles mesmos. Jesus instala-se no coração do jovem. Defende-o dos perigos. A promessa das bênçãos é de processo contínuo.

Quando recebemos Cristo

Devemos estar desejosos de receber Jesus. À parte Cristo não podemos possivelmente receber nos nossos caracteres uma bênção que nos satisfará ou qualificará. Prisioneiros Siberianos algumas vezes partiam as suas cadeias e escapavam para alguma distância. Eram geralmente apanhados e regressavam para serem novamente fechados no seu cativeiro. Se presentemente, estamos aptos para quebrar o cativeiro de pecados por nós próprios, não estamos aptos para completar a nossa emancipação por nenhuma perícia ou esforço da nossa parte. Não há um tear na terra que possa ser tecido, ou uma agulha que a mão do homem possa operar para coser juntamente os vestuários para a alma. Cada um

(Quarta-feira, 22 de Março de 1961)

A Recompensa dos Misericordiosos

«Bem-aventurados os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia». Mateus 5:7.

A declaração «Bem-aventurados os misericordiosos» é um andar adicional para a frente na descrição do homem de Cristo. Jesus fala-nos agora numa activa característica do Cristão. Esta Bem-aventurança está de acordo com a Sua disposição, a qual é o resultado de entrar nas experiências das Bem-aventuranças precedentes. Examinemos esta Bem-aventurança fazendo algumas perguntas: Primeiramente, quem são estas pessoas Bem-aventuradas? Em seguida, qual é a sua virtude peculiar? e por fim, qual é a sua especial Bem-aventurança?

Quem São os Misericordiosos

Os misericordiosos são aqueles que têm uma atitude recta. O evangelho Cristão coloca os seus ênfases primários em ser ao contrário de fazer. Um Cristão é alguma coisa antes de fazer qualquer coisa. Temos de ser Cristãos antes que possamos agir como Cristãos. Ele é mais do que uma pessoa que dá uma esmola a um pedinte na rua. As acções crescem fora do pedido. Então, muitas vezes pensamos que a Bíblia nos exorta para tentarmos ser Cristãos neste ou naquele sentido. Quando somos Cristãos as acções rectas serão fora de normal na nossa vida diária. Não somos competentes para controlar o nosso cristianismo. O nosso cristianismo é controlarmo-nos a nós próprios.

de nós deve tomar as vestes da justiça de Cristo. Ele tem um vestuário para se adaptar a cada um de nós. E cada um ficará satisfeito. Nós recebemos completa satisfação quando recebemos Cristo.

Na costa este de Inglaterra está enterrado um homem que estava

A doutrina Cristã não é qualquer coisa na superfície da vida do homem — não é meramente uma capa exterior ou uma cobertura. É mais qualquer coisa, que tenha acontecido no íntimo do ser do homem. Ele controla os seus pensamentos, os seus maus olhados, e todas as suas acções.

Tal sentimento que significa ser misericordioso, ser manso, não ver coisas, ou se as vemos, pretender que não as vemos. Isto, é claro, é um perigo peculiar numa idade como a nossa a qual não acredita na justiça e na rectidão. O misericordioso é geralmente visto como uma espécie de pessoa mole, fácil de viver, para a qual não interessa que qualquer lei seja transgredida, que não se interessa por respeitá-la. Este não é um ponto de vista novo — antes pelo contrário é muito antigo. Tem sido seguido por militares, os quais olham usualmente a misericórdia como uma femilidade e debilidade. Um exército deve ser rude para poder ser efectivo. Os autores de ideias morais entre os guerreiros Anglo-Saxões, tanto como entre os Romanos, tinham geralmente medo de que o espírito de misericórdia fosse estragar o moral e eficiência do combatente. A Piedade, diz o militar, torna os homens «brandos» e «cheios de ternura» e expõe-os ao perigo de lamentarem e perderem os inimigos.

De forma a endurecer a população contra este perigo, os chefes Romanos acostumaram-na aos desportos que embotavam as suas na-

turais diminuições do ponto de vista de infligir sofrimento. Nos jogos de gladiadores, eles cresciam indiferentes ao espectáculo de homens em carnificina uns contra os outros; e quando o gladiador vencido deitava as suas armas para os bancos da multidão, pedindo pela sua vida, usualmente via os polegares voltados para baixo, que queria dizer «não há misericórdia». Deus dizia «Todo aquele que pega em espada, morrerá com espada».

Quinto Grau

Onde estão os misericordiosos? Primeiro, são pobres de espírito, e não quer dizer misericórdia estar convencido do nosso merecimento, ser trazido a ver quão servilmente estamos ao lado de Deus, e sermos feitos para vermos a nossa testemunha pessoal e querer todas as coisas que possam fazer-nos caprichar pela presença de Deus. Cair aos pés da cruz e aí confessar com o coração despedaçado o nosso vazio e perversidade é um pré-requisito para ser misericordioso.

Em seguida têm de obter mercês suficientes para lamentarem. Lamentarem os seus pecados passados com amargo remorso e repetição. Lamentarem a sua alienação de Deus. Lamentarem a sua ingratidão para o seu Redentor e a sua rebelião contra o Espírito Santo.

Também eles obtêm a graça da mansidão. Tornaram-se gentis, humildes, alegres, vencedores do mundo e submissos à vontade do Senhor. Tais pessoas estavam aptas a não olhar a ofensas dos outros, tendo aprendido a rezar com um sentido, «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos as nossas».

A mais longínqua graça foi também poder deles. Estavam famintos e sedentos de justiça. Amavam aquilo que fosse justo e estavam famintos de o fazer. Tinham um

deslocado no seu trabalho do ministério. Uma lápide marca o lugar onde ele repousa e nela encontram-se estas simples palavras: «Edward Smith, que viveu em Jesus». «Bem-aventurados são aqueles que têm fome e sede da justiça; para eles haverá fartura».

apetite espiritual para a justiça que era de Deus pela fé.

E fora destas experiências crescia o carácter de serem misericordiosos. Não era ser imputada coisa nenhuma neles próprios ou olhar com um natural crescimento anormal da sua própria disposição, mas como uma outra dádiva de graça. Era um fruto que crescia quando o outro fruto especial tinha amadurecido.

Qual Era a Virtude Especial Deles?

Qual é a virtude peculiar imputada a estes seres abençoados? São «misericordiosos». As expressões de misericórdia são três:

Primeiro vem o perdão; isto é, uma concessão de bem que o receptor não merece. É sentir amor tão vivamente nos nossos corações que nós agiremos diante de alguém que nos injuriou, pensando que ele não o fez. O Perdão não tem necessariamente de se expressar num estado formal de palavras; é expreso por uma atitude.

É possível para Maria dizer a Joana, «perdoe-te», sem realmente lhe perdoar. Não me faz diferença quando um homem me diz que me perdoa ou justamente tão longe como ele actua diante de mim como se me tivesse perdoado. Também só actuar não é fácil, porque envolve o fazer qualquer coisa para outro que, para nós, ele não merece. É muito mais natural actuar dentro do princípio de «olho por olho, e dente por dente». Unicamente o derramamento em diferentes direcções do amor de Deus nos nossos corações pode dar-nos o incentivo pela acção de misericórdia.

Um homem atirou uma pedra ao seu cão. Tão grande foi a pancada que a pata do pobre animal ficou partida. Ganindo e coxeando, o cão ferido voltou novamente para o seu dono. Colocou-se aos seus pés e lambeu a mão que atirou a impiédosa pedra. Não é isto o verdadeiro perdão Cristão?

Segundo, é a simpatia. Ter piedade é sentir o sofrimento dos outros, como se fosse o nosso próprio sofrimento. Não estamos debaixo

de nenhuma obrigação legal para reagir desta maneira. Isto é estritamente um caso de misericórdia, a concessão de um bem para o qual não estamos debaixo de obrigação. Uma expressão de simpatia não é pedida pelo código de moral de um mundo de sangue-frio, mas é a inevitável inundaçãõ da vida na qual reina Jesus. De maneira a simpatizar com os outros nos seus sofrimentos devemos-nos colocar nós próprios nos seus lugares. Devemos ver nós próprios nas suas circunstâncias e assim sentir o que eles sentem.

A Verdadeira grandeza Revelada

A simpatia traz grandeza ao seu possuidor. Por exemplo, o colégio Harvar formou dois rapazes que possuíam raras qualidades — Edward Everett e Wendell Phillips. O primeiro era mestre em literatura, elegante, de maneiras requintadas, de voz clara e doce como um trompete. Mas havia pouca simpatia no coração de Everett, de maneira que os seus brilhantes discursos ficavam como polidas encíclicas. Ficou diante dos homens como diante de uma cidade cujas portas estavam fechadas e barricadas, recusando a entrada.

Wendell Phillips, também era um mestre, contudo a simpatia para com os fracos revestia-o de influência. Abandonando toda a ambição, todo o conforto, todos os sonhos de repouso e luxo, de grandeza e glória, saiu para servir o pobre e o fraco, e por fim quando a simpatia o ajudou no seu trabalho, esta coroou-o rei.

Terceiro — há boas acções: A boa acção de actuar que é feita com favores imerecidos e merecidos cresce fora da compreensão simpática. São expressões tangíveis do espírito de misericórdia. A misericórdia não é genuinamente aquilo que exprimimos a nós próprios em qualquer caminho tangível. Devemos sentir o sentimento do próximo como se fosse muito nosso, mas, se este sentimento de simpatia é real, expressará por si próprio qualquer tentativa definitiva para aliviar o sofrimento. Quando isto é

feito para aqueles a quem nós devemos uma dívida imprevisível, foi feito um acto de misericórdia.

Entre um grande número de pessoas que esperavam numa sala para falar ao Presidente Lincoln, num certo dia de Novembro de 1864, estava um rapazinho pálido e tímido, de cerca de treze anos. O Presidente notando a sua debilidade, disse:

— «Vem cá, meu rapaz, e diz-me o que queres».

O rapaz moveu-se para a frente e colocou a mão na cadeira do presidente e com a cabeça baixa e voz tímida disse:

— «Senhor Presidente, eu fui durante dois anos tambor de um regimento. O meu coronel zangou-se comigo e pôs-me fora. Fiquei doente e estive no hospital durante muito tempo. Este foi o primeiro dia que saí, e vim ver se V. Ex.^a poderia fazer qualquer coisa por mim».

O Presidente olhou para ele amável e ternamente e perguntou-lhe onde vivia.

— «Não tenho casa, respondeu-lhe ele».

— «Onde está o teu pai?».

— «Morreu no exército». Respondeu o pobre.

— «Onde está tua mãe», continuou o Presidente.

— «A minha mãe também morreu. Não tenho mãe, nem pai, nem irmãos, nem irmãs», e, começando a chorar nem amigos, ninguém quer saber de mim».

Os olhos do Senhor Lincoln encheram-se de lágrimas e disse para o rapaz:

— «Queres vender jornais?»

— «Não», respondeu o rapaz. «Eu estou muito fraco e o cirurgião do hospital disse-me que era preciso que eu saísse; não tenho dinheiro nem lugar para onde ir».

O Presidente tirou uma carta da gaveta e endereçou-a a certos oficiais para os quais o seu pedido era lei, para darem especial orientação «para tratar deste pobre rapaz».

Isto é compaixão.

(Quinta-feira, 23 de Março de 1961)

Aqueles que hão-de ver a Deus

«Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus». S. Mat. 5:8.

Este texto ergue diante de nós um grande ideal. Mesmo que vulgarmente não seja realizado é realizável. Esta Bem-aventurança é o cume da perfeição. Todas as graças precedentes são como muitos lugares de descanso nas encostas da montanha e esta é o cume da montanha.

«Bem-aventurados os puros de coração» disse o nosso Mestre. Bem-aventurado o incorrupto, o in-

contaminado, o puro. Estes são os que falam de pureza de coração, como se ela fosse simplesmente uma virtude passiva, como se ela não tivesse nenhuma relação com a energia e esforço moral, e fosse conferida sem outro mérito da parte do Redentor. Esses, falham em perceber o significado da expressão. Pureza de coração não é uma doação mas uma aquisição pessoal. Segue-se à pobreza de espírito à aflição, à humildade, à fome e à sede de justiça e à misericórdia.

Todas estas dádivas e graças são atributos do puro de coração. Para o puro de coração são as melhores ilustrações de cada uma das virtudes acima mencionadas que são pronunciadas como bênçãos. Que melhor exemplo da demonstração de fome e de sede de justiça pode ser encontrado que o que nos é dado por aquele que entrou na pureza? Quando nós apreciamos as outras graças, descobrimos quão completas são em resposta e ilustração na vida daquele que as guarda.

Que Bênçãos Há Para Estes?

Qual é a bênção especial dos misericordiosos? Somos misericordiosos por causa do que nós somos, e não por causa do que esperamos alcançar. Segue-se como a noite ao dia que o compassivo deve receber o pagamento das suas próprias moedas. Eles não o pedem. Vem para eles sem pedido. Nós recebemos o que damos. Se sou perdoado, devo perdoar. Nenhum de nós tem, por natureza, o espírito de desculpa. É adquirido pela graça de Deus. Se somos misericordiosos, devemos ter misericórdia aqui e misericórdia no julgamento.

Em 2 Tim. 1:16-18, Paulo insere uma nota acerca de Onésimo a quem ele aponta como um indivíduo que teve compaixão de si e que o visitou quando ele estava prisioneiro em Roma. Então acrescentou, «O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor».

Cada um de nós precisava de uma plenitude de misericórdia antes do julgamento do céu. Graças a Deus, se a graça de Cristo está em nós, se o Espírito do Senhor está em nós somos misericordiosos, devemos obter misericórdia no julgamento.

A graça de Deus torna-nos misericordiosos. Se não somos misericordiosos, não há mais do que uma explicação, nunca percebemos a graça e a misericórdia de Deus. Estamos fora de Cristo — e estamos ainda nos nossos pecados e sem perdão. Deixai-nos escolher a melhor parte encontrando a misericórdia de Deus através de total dedicação para com o Senhor. No grande momento em que expressamos o voto e o desejo de receber a Sua graça, nesse momento somos nós.

No seu livro «High Wind at Noon», Allan Knight Chalmers conta-nos a história de Peer Holm engenheiro mundialmente famoso. Construiu grandes pontes, caminhos de ferro e túneis em muitas partes da terra; ganhou riquezas e fama, mas mais tarde caiu em desgraça, pobreza e doença. Voltou para a pequena vila onde nascera, juntamente com a mulher e a filha, arrastando uma vida miserável.

«Peer Holm tinha um vizinho que tinha um cão feroz. Peer avisava-o de que o cão era perigoso, mas o velho respondia desdenhosamente — cale a boca seu aborrecido». Um dia Peer Holm voltou para casa e encontrou o cão agarrado à garganta da filha. Escor-

raçou o cão, mas os seus dentes tinham entrado muito profundamente e a criança estava morta.

«O chefe da polícia matou o cão e os vizinhos bateram no seu dono. Quando o tempo da sementeira chegou, todos se recusaram a vender-lhe qualquer grão. Os seus campos foram lavrados mas estavam nus. Ele nem sequer podia pedir, ou pedir emprestado, nem comprar fiado. Por onde quer que andasse na estrada, as pessoas da cidade escarneciam dele. Mas não Peer Holm. Não podia dormir de noite a pensar no seu vizinho.

«Uma manhã, muito cedo, entrou em segredo no telheiro dele levando o seu último meio litro de cevada. Trepou o muro e semeou o campo do seu vizinho. As terras por si só contavam a história. Quando as espigas cresceram, foi revelado o que Peer fizera, porque parte do seu próprio campo estava nua, enquanto que o campo do vizinho estava verde.

«A misericórdia requer que nós semeemos a boa semente no campo do nosso inimigo mesmo que signifique que uma parte do nosso fique nua. Não é fácil. É possivelmente a acção mais árdua mas é a nossa chave para o reino de Deus» — Charles L. Allen.

O Sexto degrau

Nesta Bem-aventurança Jesus aponta-nos um outro dos princípios básicos por meio do qual a verdadeira felicidade pode ser obtida. Não há mais nenhuma outra estrada para a pureza do coração senão a estrada da Bem-aventurança e os degraus devem ser tomados nesta direcção. Resta-nos uma vez e maravilhosa verdade: «Senhor quem habitará no teu tabernáculo? quem morará no teu santo nome? Aquele que anda em sinceridade e pratica a justiça e fala verazmente segundo o seu coração». Sal. 15:12. Andar em sinceridade, trabalhar com rectidão e falar verazmente são os resultados da pureza de coração.

O coração foi chamado a fonte da vida. O carácter e a conduta de uma pessoa são determinados pela condição espiritual do seu coração. «Porque como imaginou na sua alma é» Prov. 23: 7. Por esta razão Deus adverte-nos, da «Guarda o teu coração porque dele procedem as saídas da vida» Prov. 4:23.

O que se entende por este termo «O coração»? De acordo com o uso da Sagrada Escritura o coração significa o centro da personalidade. Isto não significa meramente o lugar das aflições e das emoções. Esta Bem-aventurança não sustém que a fé Cristã seja qualquer coisa primariamente emocional nem intelectual ou pertença da vontade. Na Sagrada Escritura o coração inclui tudo isso. É o centro do ser e da personalidade do homem, donde saiem todas as coisas. Inclui o espírito, a vontade e o coração. É o conjunto do homem. «Bem-aventurados os puros de coração»; bem-aventurados são aqueles que são puros, não meramente à superfície mas no centro do seu ser e no decurso de todas as suas actividades.

O puro de coração possui o segredo da simplicidade. É claro, directo, facilmente visto e rapidamente percebido. No seu carácter não há cantos para serem explorados, nem fendas para criar teias de aranha nem escuridão no telhado por cima da sua residência,

onde as traças e os morcegos possam achar refúgio. Significa não ter segredos arrogantes. Já alguma vez observaram um homem fazendo desaparecer uma moeda da mão por meio de um truque de mãos? A moeda resvalou para as mangas. O puro de coração não tem mangas. Não tem negócios, vida de sociedade ou outros truques comparados. Não há mais para explicar adiante. São homens e mulheres honrados e honestos. Não escondem nada do que é vital. Trazendo ambos no seu coração e na sua consciência o céu como uma imaculada cutelaria, não escapam ao contacto com a impureza mas escapam à contaminação. Numa pessoa que aprenda de Jesus manifestar-se-á uma crescente repugnância pelos costumes descuidados, pela linguagem indecente e pelos pensamentos grosseiros. Quando Cristo habitar no seu coração, haverá pureza de pensamento e de maneiras. *Thoughts from the Mount of Blessing*, pág. 42.

A simplicidade da sinceridade

A simplicidade não é ignorância. É sinceridade. «Eis aqui um verdadeiro israelita em quem não há dolo», foi dito de Natanael. Não seria, decerto, impecável; mas era sincero. A simplicidade não é nenhuma herança; é uma conquista, é o resultado de um trabalho paciente, através de toda a vida. É uma graça conferida como resposta ao crente que a suplica a Deus, e é uma das características da pureza de coração. Tomás de Kempis — a quem se atribui o livro da *Imitação de Cristo* escreveu: «A pureza e a simplicidade são as duas asas com as quais o homem se eleva acima da terra e de toda a natureza temporal. A simplicidade está na intenção; a pureza está no affecto; a simplicidade volta-nos para Deus; a pureza permite-nos gozar da sua divina presença».

Aquele que é puro de coração também tem a graça da sinceridade. Segundo a etimologia — sincero deriva de *sine cera* — isto é, sem cera.

Vejamos o significado mediante um exemplo. Suponhamos que um escultor acaba, precisamente de modelar uma obra prima. Pergunta-se a uma pessoa entendida tal acha a estátua. Ele poderá responder que lhe parece maravilhosa, mas pergunta imediatamente se a estátua não tem cera, isto é, se não tem nenhuma fenda ou buracos que estejam tapados com cera. Trata-se, portanto, de uma questão vital. O mesmo acontece no caso dos homens.

Somos nós sinceros? A sinceridade difere da simplicidade. A falta implica sempre qualquer imperfeição ou defeito; mas a imperfeição não é a mesma coisa.

A sinceridade tem de ser guiada por Deus. Podemos enganarmo-nos sinceramente. Conhecem-se os casos denominados de *boa fé*. São aqueles em que erramos, mas sem saberemos que estamos a errar. A sinceridade tem de ser esclarecida. Pode acontecer que julguemos que um comboio parte, por exemplo às treze horas, e quando chegamos à estação, já ele partiu há meia hora. A sinceridade do cristão deve ser esclarecida. Uma pessoa pode tomar um veneno, supondo que está a tomar um remédio; a sua sinceridade não o salva, pois pode morrer, embora tenha sido sincero.

Deus deu aos seus filhos a inteligência para investigar e descobrir a verdade, para que também tenham corações puros; por isso devemos ser «prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas». A pessoa sincera procede com rectidão; e procede, assim, rectamente, precisamente, porque é recta. Tem no seu coração os princípios da rectidão, pelo que o seu proceder nem é motivado pelo medo do castigo, como também não é causado pelo desejo da recompensa. Com o seu coração firme naquilo que é recto, está sempre pronto para agir rectamente. Por isso está liberto da presunção e do egoísmo. É uma pessoa sincera, e a sinceridade e a verdade são a base das outras grandes virtudes.

O sangue torna-se puro mediante uma limpeza. Ora tal limpeza só pode efectuar-se, devidamente, mediante a acção purificadora do

sangue de Jesus, pois só ele pode remover toda e qualquer mancha do pecado, tornando, depois, o coração alvo como a neve. William Cowper dá-nos uma descrição personificada da fonte purificadora no seu lindo hino:

*«Há uma fonte cheia de sangue
Que corre das veias do Deus Emanuel;
E quando nela os pecadores se lavam
Ali deixam os seus vis pecados».*

Sendo, assim, purificado, no sangue de Jesus, o coração fica em condições de receber a promessa de que «verá a Deus».

Será, então, o dia da máxima consolação, quando, como João revela na Ilha de Patmos, «verão o seu rosto, e nas suas testas, estará o seu nome». (Apocalipse 22:4).

O nosso grande objectivo

Esta esperança, ao mesmo tempo que está baseada na purificação do coração pelo sangue do Salvador, também nos dá inspiração e incentivo para uma maior pureza na nossa vida diária. O pensamento desta verdade é suficientemente decisivo para nos animar a sermos cada vez mais diligentes e puros no nosso coração e na nossa vida. Pensemos, efectivamente, que estamos destinados a ver, a contemplar a Deus! Virá um dia em que veremos a Deus face a face.

John Jasper, o famoso pregador negro, de há quase um século costumava referir nas suas pregações o que é que ele esperava encontrar e o que é que esperava fazer, quando fosse para o Céu. Quando o convidavam para ver qualquer coisa de notável, a sua primeira pergunta era a seguinte: «E onde está o meu Senhor Jesus? (Em primeiro lugar quero ver a Jesus!)».

Tal deve ser o sentimento do verdadeiro filho de Deus. A maravilha das maravilhas será o sentarmo-nos aos pés de Jesus, olhar para o seu adorável rosto. «Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus».

Recordemos os lindos versos do nosso hino «Face a Face».

Esta alegria antecipada de podermos ver a Jesus, face a face deve dar-nos força e entusiasmo para trilharmos alegremente o ca-

minho da vida cristã, com sinceridade e pureza. De todas as bênçãos de que temos conhecimento através das promessas da Sagrada Escritura, a ideia de que podermos contemplar o nosso Salvador face a face, é a mais fascinante para todos aqueles que O amam e que passaram pela experiência do novo nascimento. O Cristão alegra-se, agora, com o pensamento de que ainda na companhia do Salvador, e da consciência da vitória sobre o pecado. Por isso também suspira pelo dia em que desaparecerá o véu que separa o Céu da terra e que poderá

então contemplar visivelmente o seu Salvador.

Esta esperança é de molde a dar-nos coragem para defrontar as dificuldades da vida com confiança e com calma. Não teremos nenhuma dificuldade em caminhar resolutamente através dos abrolhos da vida, desde que pensemos que nos aguarda a pátria celestial, onde veremos Jesus face a face. Esta confiança diz continuamente ao nosso coração: «Têm coragem; mantêm-te firme». E é esta mesma confiança que nos leva todos os dias a pedir nas nossas orações: «Cria em mim um coração puro».

QUEM É O AUTOR DAS COMUNICAÇÕES DA SEMANA MV?

J. Melvyn Clemons, um pastor de êxito durante dezassete anos, é agora professor de Bíblia no Colégio Atlantic Union, a sua *alma mater*. Começou o seu ministério em Lancaster do Sul, Massachusetts, e durante os dez anos seguintes ele foi pastor em quatro outros distritos na Conferência de Nova Inglaterra no Sul. O seu ministério posterior levou-o para a Igreja Sligo, como pastor assistente, e para dois distritos na Conferência de Pensilvânia no Ocidente.

O Pastor Clemons nasceu em Indiana e tornou-se adventista um

ano depois, matriculando-se no Colégio Missionário de Emmanuel. Encontrou a companheira da sua vida Doris E. Heiser, enquanto estava no Colégio Atlantic Union. Os dois foram diplomados em 1943 e agora têm uma família de quatro raparigas e um rapaz.

Fora os seus interesses profissionais ele emprega os seus momentos de ócio coleccionando pedras e minerais, jardinando e em trabalhos de carpintaria. A sua compreensão das necessidades da juventude fortaleceu o seu ministério e trouxe a sua contribuição a esta semana de Oração MV.

(Continuação da pág. 2)

sico do nadar, o acto mental para resolver um problema de matemática. Não é difícil explicar o movimento do braço num golpe de natação ou os impulsos lógicos dados pelo cérebro ao resolver um problema, mas muitas pessoas sentem que o exercício do coração ao oferecer uma oração é um mistério profundo demais para se compreender.

A oração—um acto espiritual—não é mais misteriosa do que a actividade do corpo ou do pensamento. Assim como as nossas possibilidades mentais e físicas dependem da nossa saúde, assim o nosso êxito na oração depende da nossa saúde espiritual. Cristãos fracos e pouco consagrados não são fluentes nas suas conversações com Deus.

Os cristãos robustos oram com uma convicção baseada nas promessas de Deus. Aproximam-se da audiência com o seu Criador com confiança (Heb. 4:16), e os resultados são electrificantes.

Spurgeon disse: «A oração puxa a corda em baixo e o grande sino toca em cima aos ouvidos de Deus. Alguns mal fazem mexer o sino, porque oram muito languidamente; outros dão um puxão ocasional à corda; mas aquele que vence com o Céu é o homem que agarra bem a corda com confiança e puxa continuamente com todas as suas forças».

Que cada jovem durante a Semana dos MV de 1961 faça progressos notáveis no uso espiritual da oração.

(Sexta-feira, 24 de Março de 1961)

A linha da vanguarda

«Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus» (S. Mateus 5:9).

É esta a última bem-aventurança descritiva do carácter do Cristão. Segue-se a que descreve a situação, perante o céu, daqueles que sofrem perseguição por causa da justiça. Mas a que se refere aos pacificadores marca a pedra fundamental sobre a qual assentam as bem-aventuranças precedentes. Empregando outra semelhança, podemos dizer que esta bem-aventurança é a jóia que afivela toda a cadeia do Cristão com as características do Salvador. Descreve os homens de elite.

Estudando os termos desta bem-aventurança, salienta-se a ideia fundamental que incide sobre a necessidade de pacificadores, o seu trabalho e recompensa.

A necessidade de pacificadores

Estamos num período de agitação perpétua entre as nações. A todo o momento podemos rezear um súbito agravamento da tensão que se nota entre as nações, e que pode originar um violento conflito de consequências humanamente imprevisíveis. A guerra fria vai alastrando por toda a parte. O mundo nunca chegou a conhecer uma era de paz completa e universal, entre os povos. Tem sempre havido guerras e rumores de guerra e continuarão, cada vez mais violentos os tais rumores. Não há verdadeira paz entre as nações; o facto de não troar o canhão, não significa que haja a verdadeira paz. A carência de combates, a ausência de fogo aberto e real podem muito bem ser o resultado do medo dum poder dominador, ou também por causa da falta de energia e de preparação bélica para combater. Não é necessário grande esforço para compreendermos que o nosso

mundo se encontra bastante perturbado.

Também há bastantes dissensões entre vizinhos. Os jornais diários relatam continuamente tristes histórias de vizinhos contra vizinhos. Os tribunais não têm tempo para despachar todos os casos que se lhes apresentam com as piores acusações de pessoas contra conhecidos e desconhecidos. E a tragédia das tragédias é o conflito entre os esposos, que os tribunais têm de julgar.

A falta de tranquilidade não é característica desta ou daquela classe social. Até, também, muitas vezes há muita perturbação dentro do espírito de cada qual. Quantas vezes num ambiente calmo, numa paisagem encantadora e tranquila os habitantes não vivem repletos de agitação, cheios não só de inimizades entre si, como também, dentro de si mesmos! A humanidade, como um todo, é uma enorme massa de confusão e de lutas. Necessitamos de paz; é este o clamor geral que se ergue de todos os lados. Todos falam de paz. E há algumas pessoas, apenas poucas, que encontram o segredo para ter a paz.

As contendas entre as nações, entre os vizinhos e no coração humano são uma coisa séria. Mas a contenda mais séria de todas é a que existe entre o homem e Deus. O homem nos seus pecados é um inimigo de Deus. O apóstolo Tiago diz-nos na sua epístola que «qualquer que quiser ser amigo do mundo constituiu-se inimigo de Deus». (Tiago 4:4).

O homem, no seu estado natural, não está em paz com Deus. Desobedeceu a Deus e transgrediu a lei divina. É, por isso, inimigo de Deus. Esta situação não é por culpa de Deus, mas unicamente do homem. Deus não deseja estar em luta com o homem; foi o homem que criou o estado de luta contra

Deus, quando se rebelou contra o seu Criador. Deus está sempre pronto a fazer as pazes, desde que o homem também as queira fazer. Mas persistindo no pecado, o homem continua a ser inimigo de Deus. Há contudo uma solução pacífica do problema desta contenda, se o homem quiser ouvir a voz de Deus, que se encontra revelada no seu Livro Sagrado. Se seguirmos a Palavra de Deus, continuamente, estaremos preparados para defrontar todas as tempestades do mundo. Temos a promessa do Salvador de que nos dará a sua paz, essa paz que o mundo não compreende, nem sabe dar.

O trabalho dos pacificadores

A paz costuma ser apanágio dos pacíficos. Muitas vezes se diz que o caminho mais comprido em redor, é o mais curto para casa. Podemos assinalar dois atributos no pacificador. Passivamente o pacificador é pacífico. De facto, uma pessoa rixosa nunca poderá ser uma pacificadora. Mas o pacificador também tem de se mostrar activo em promover a paz. Não se pode contentar em «deixar correr o marfim». Não concorda em que se mantenha o *status quo*, isto é, que se mantenha a situação de perturbação. Desejando a paz, envia todos os seus esforços para a conseguir e depois para a manter. Não causa perturbações, mas não se contenta com esta passividade; procura obter a paz. Ora tal atitude implica um aviso especial que significa uma visão especial o que significa um coração puro. O coração deve estar limpo de todo o mal, antes de poder fazer a paz. Antes de poder dar bons resultados, deve estar inteiramente liberto de si mesmo, dos seus interesses, do seu egoísmo. Enquanto o coração pensar só em si mesmo, enquanto cuidar só dos seus inte-

resses, da sua própria vida material, nunca poderá dar bons resultados, nem sequer contribuir para dar a paz. O pacificador deve ser absolutamente neutral, de modo que possa transitar igualmente seguro e decidido entre os dois lados.

O maior problema que se pode deparar perante o pacificador consiste em saber como é que ele considera cada coisa com que tem de tratar. Normalmente, olhamos para as coisas conforme a maneira como nos dizem respeito.

Eis as perguntas que geralmente fazemos a nós mesmos:

Qual é a reacção disto sobre mim?

— Que lucro tiro eu disto?

— Ficam salvaguardados os meus direitos, os meus interesses?

Estas e outras perguntas do mesmo estilo deixam a perder de vista os interesses da igreja, assim como da sociedade e até da família. Um espírito desta natureza leva, naturalmente às rixas, aos desentendimentos, às discussões. Não é este o caminho para a paz.

O pacificador tem apenas um propósito, que é o da glória de Deus entre os homens. Foi este, de resto, o principal objectivo do Senhor Jesus. A sua vida nesta terra dirigiu-se, sempre, para este objectivo: procurar a glória de seu divino Pai. O pacificador é a pessoa cuja principal tarefa é a glória de Deus, e que emprega a sua vida em procurar servir a glória de Deus. Está pronto a humilhar-se. Está sempre pronto a fazer tudo quanto for necessário para promover a glória de Deus. Está pronto a suportar quaisquer sofrimentos para a fazer brilhar e difundir. Está preparado para sofrer injustiças e perseguições para promover a paz e manifestar a glória de Deus.

Os Chineses têm um belo provérbio, que é corroborado por S. Tiago 4:1; diz assim o provérbio: «Se há rectidão no coração, haverá beleza no carácter. Se há beleza no carácter, haverá harmonia no lar. Se há harmonia no lar, haverá ordem na nação. Quando há ordem na nação, haverá paz no mundo».

John R. Riebe conta a seguinte história que ensina a maneira como se acaba uma discussão.

«Durante longos anos, monges viveram em paz e boa harmonia. A monotonia da vida levou um deles a dizer, certo dia, ao companheiro, que depois de tantos anos a fazem a mesma coisa, seria bom que fizessem qualquer outra coisa diferente, tal como se faz no mundo. O companheiro concordou e perguntou-lhe então que é que fariam. O primeiro propôs que discutissem, como se faz no mundo. O companheiro que nunca tinha discutido, quis saber o que era a discussão. Então o primeiro monge mostrou-lhe uma pedra e colocando-a entre os dois, disse-lhe:

— Vês esta pedra. Tu agora vais dizer que a pedra é tua.

O companheiro para comprazer o amigo disse, efectivamente:

— Esta pedra é minha.

Então o primeiro, o tal que queria discutir, tendo reflectido uns momentos e lembrado de tantos anos de bom entendimento disse simplesmente:

— Está bem, irmão; se a pedra é tua, fica com ela.

E assim acabou a contenda».

A recompensa do pacificador

Deus pronuncia uma bênção sobre o pacificador quando diz: «Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus». A palavra «chamados» significa aqui: «possuídos». Deus possui-os-á como filhos. Tais palavras significam que o pacificador é um filho de Deus e que é como o seu Pai. Jesus é o primeiro pacificador, e todos aqueles que vão pelo mundo fora, proclamando a paz de Deus e implantando a paz, representam a imagem de Deus e por isso são possuídos por Deus, como seus filhos.

A proporção na qual realizamos esta característica é a proporção na qual realizamos a felicidade. Mas para a possuímos no meio das condições da vida do mundo que são tão contraditórias, é necessário possuímos um carácter bem firme na Palavra de Deus.

Note-se como nas Bem-aventuranças se encontra uma imagem exacta da vida do mundo, desde que lhes adicionemos a palavra NÃO. Teremos, assim: Deles NÃO é o reino dos céus; NÃO herdarão a terra; terão fome e sede de justiça e NÃO serão fartos; os seus corações estão corruptos e NÃO verão a Deus; NÃO serão chamados filhos de Deus.

Os filhos de Deus e os pacificadores não têm consigo aquele adverbio NÃO que muda totalmente o significado das coisas. Vivem a sua verdadeira vida de filhos de Deus e por isso olham com confiança para o futuro, porque vivem em paz e por isso difundem a paz.

TEU CORAÇÃO EM PAZ

1.º

*Vindo sombras escuras no caminho teu,
Ó não te desanimes. Canta um hino a
[Deus!
Cada nuvem escura um arco-íris traz
Quando em teu coração reinar perfeita
[paz.*

Coro

*Se teu coração estiver em paz,
Bem contente e alegre sempre te acharás;
Se teu coração estiver em paz,
Verás que um arco-íris cada nuvem traz.*

2.º

*Se o viver é de lutas, cheio de amargor,
Mostra affecto aos aflitos, age em seu favor!
E de tudo o que sofres, tu te esquece-
[cerás;
Fruirás gozo e calma, se tiveres paz.*

3.º

*Vem após negra noite aurora matinal;
Fica o céu mais brilhante após o temporal!
A esperança não percas, tudo vencerás!
Fugirão as tristezas, se tiveres paz.*

ESTE NÚMERO FOI
VISADO PELA COMIS-
SÃO DE CENSURA

(Sábado, 25 de Março de 1961)

Perseverar na boa causa

«Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus» (Mateus 5:10).

Uma vida exemplar não nos torna populares, porque as trevas odeiam a luz. Talvez tenhamos alguma influência, mas normalmente, o bom carácter não é amado por quem tem mau carácter. É que as pessoas dotadas de mau carácter olham com antipatia aquelas outras pessoas que vivendo correctamente, representam para elas uma censura constante e viva. E é assim que através da História se têm desencadeado as tormentas contra o Cristianismo, que condena o viver do mundo.

Perseguição a todos os verdadeiros Cristãos

«Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições». (2 Timóteo 3:12).

As actuais formas de perseguição talvez não sejam menos para temer que as dos tempos idos. Dez dos imperadores romanos, incluindo Nero, Marco Aurélio e Maximino foram violentos nas suas perseguições contra os primeiros discípulos do Salvador. Como sabemos os Cristãos dos primeiros tempos foram impiedosamente perseguidos com maus tratos de todas as espécies, que muitas vezes culminavam na morte mais atroz.

A história da vida e da morte de um dos velhos pastores dos primeiros tempos do Cristianismo, o bispo Policarpo, tem ainda hoje um encanto especial para todos aqueles que compreendem a integridade dos primitivos discípulos de Jesus. Foi morto em Esmirna. Traído por um jovem que o havia servido, o juiz que o condenou à morte ofereceu-lhe a liberdade, se o velho pastor apostatasse da sua fé de cristão. Policarpo recusou-se terminantemente a negar o seu Se-

nhor, por tal preço. «Há oitenta e seis anos — disse o venerável ancião — que eu sirvo o meu Senhor e nunca me fez mal; como é que eu agora irei trair o meu Rei, que me salvou?».

É firme na sua fé, confessou o Senhor Jesus, sofrendo o martírio por seu amor. Não há dúvida de que «o sangue dos mártires é a semente da igreja».

As presentes formas de perseguição são pequenas se as compararmos com as dos leões nas arenas e das fogueiras nas praças públicas. Mas também hoje se apresentam certas perseguições e bastante subtis. Ainda hoje se abrem as prisões para nelas serem lançados muitos seguidores de Jesus. Também ainda hoje os seguidores de Jesus têm de sofrer castigos corporais, e por vezes a morte. E tantos outros têm de defrontar a troça e as piores humilhações, só porque cumprem a Lei de Deus, porque não querem obedecer aos homens.

Também hoje encontramos entre os filhos de Deus algumas acções que são rasgos de heroísmo.

Também não é menos verdade, que em certo sentido, parece que a religião nos nossos dias «deslisa num lago de prata».

Encontramos jovens cristãos correndo lado a lado com os jovens mundanos, de modo que um observador não é capaz de os distinguir. A grande razão é por que, presentemente, não se vive a vida da fé, a prática de uma fé militante. A igreja levedou o mundo, mas também o mundo levedou, muito mais, a igreja. Por isso é necessário que haja um reavivamento da primitiva piedade. Não devemos temer nem desconsiderações do mundo, nem perseguições, por amor de Jesus, nosso Salvador. Sabemos que está sempre pronto a socorrer todos aqueles que tiverem de sofrer pelo seu nome.

Um cristão cobarde pode escapar à perseguição, deixando de cumprir os seus deveres; também no grande dia da Volta do Senhor Jesus ouvirá dos lábios do Mestre a terrível repreensão: «Afastate de mim, pois não te conheço».

Um jovem cristão fiel aos seus princípios não receia nem os ditos do mundo nem as suas perseguições. Firme nos seus princípios, sabe suplicar a Jesus que lhe dê força e coragem para mostrar publicamente que é um discípulo fiel do Salvador.

Henry Ward Beecher disse certa vez:

«Se não fizermos nenhum esforço especial para verificarmos a robustez das vigas no madeiramento de uma casa, qualquer madeira serve; da mesma maneira, serve qualquer giesta para se fazer uma vassoura, se arrumarmos com ela para um canto, para nunca varrer. Pois só poderemos conhecer os homens, depois de terem sido experimentados».

A quem é que o mundo elogia?

A Bem-aventurança não diz que são bem-aventurados aqueles que são perseguidos por serem bons, ou nobres ou sacrificados. O mundo, geralmente, admira e elogia o que é bom e nobre. Persegue, apenas, o justo — aqueles que fizeram grandes sacrifícios, que abandonaram carreiras lucrativas, que puseram de parte grandiosos projectos, a saúde, a fortuna e que até sacrificaram a própria vida. O mundo lembra-se deles como de heróis e tributadores elevadas honras. Há muitos homens que hoje são aclamados como grandes cristãos, simplesmente, porque fizeram aqueles grandes sacrifícios. Pensemos, um pouco, a este respeito.

O ser-se justo, o praticar a recitação, realmente significa mais do

que ter ideais elevados ou realizar grandes sacrifícios. Significa ser semelhante a Jesus Cristo. Por isso são bem-aventurados porque são perseguidos por serem iguais a Ele.

O Verdadeiro Cristão não é elogiado por toda a gente. O mundo não louva nem engrandece o Senhor Jesus; por isso também não louva os que se parecem com Jesus. «Ai de vós, se toda a gente disser bem de vós!»

Sabemos nós bem quem é que será perseguido pelo mundo? Vejamos. Para nos tornarmos como Jesus, devemos tornarmo-nos brilhantes como a luz; ora a luz afugenta as trevas; por isso as trevas odeiam a luz. Não devemos ser ofensivos para com os outros; não devemos ser agressivos contra ninguém; não devemos ser insensatos naquilo que temos de dizer ou fazer; nem tão pouco devemos fazer parada da fé cristã que possuímos. Não devemos também provocar as perseguições.

Mas se formos semelhantes a Jesus não deixaremos de atrair as perseguições.

E isto constitui, decerto, um belo quinhão de sermos Cristãos! Regozijemo-nos nisto, dizem os apóstolos Tiago e Pedro, e o Mestre salientou que serão bem-aventurados, que serão felizes, os que forem como Ele. Efectivamente, quando formos perseguidos por causa da justiça, podemos ter a confiança de sermos um membro do reino de Jesus. «Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer n'Ele, como também padecer por Ele». (Filipenses 1:29). «A perseguição, muitas vezes, faz nesta vida, aquilo que o grande dia fará completamente, que é separar o trigo do joio», escreveu Milner.

Por isso, regozijemo-nos quando formos perseguidos pelo amor da justiça, pelo amor de Deus. Os motivos de tal perseguição contra nós devem ser puros. Não devemos procurar a perseguição com o objectivo de sermos mártires. O Mártirio é um «elemento ocasional» da perseguição; não é da essência da perseguição; é-lhe accidental. A perseguição não deve ser suportada com o objectivo de se obter a re-

compensa de um triunfador: deve ser suportada pelo amor de Deus.

Implica, evidentemente, certas qualidades necessárias, para se receberem as promessas prometidas nas Bem-aventuranças.

A Coragem

Weymouth traduziu assim o texto relativo às Bem-aventuranças:

«Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque a tais pertence o reino dos céus». Sofrem perseguição, porque puseram a cruz às costas e levaram-na corajosamente. Alguns deles sentiram desfalecer a coragem física, mas nem por isso deixaram de ser heróis e heroínas.

Pode ter-lhes faltado a coragem física, tendo desfalecido, ou succumbido; mas a coragem moral nunca os abandonou. O apóstolo Pedro era impetuoso, atrevido a defrontar o perigo, sempre pronto a proclamar a sua fidelidade, quando o Mestre estava junto dele; mas quando se separaram, imediatamente desfaleceu, chegando a rebaixar-se de tal maneira que se negou a si mesmo e ao Mestre. É que o perigo paralizou-lhe o bem que nele se encontrava.

José de Arimatea, enquanto os tempos decorriam calmos, mostrou-se hesitante, e tímido; quando, porém, surgiu o perigo, apelou então para o seu natural decidido e enérgico.

Esqueceu a sua posição de destaque na sociedade e seguiu os impulsos do coração que lhe ordenavam acção e coragem. Não devemos esquecer que os únicos dois homens que ousaram demonstrar o seu amor por Jesus, depois da morte do Salvador, e precisamente no momento do maior triunfo dos Seus inimigos, foram os dois tímidos José e Nicodemos, que tinham sido discípulos secretos, durante a vida terrestre do Mestre.

Portanto, para obtermos o galardão que nos está prometido nas Bem-aventuranças é necessário termos coragem. Não devemos esquivar-nos às responsabilidades. A coragem é uma dádiva divina e temos obrigação de a procurar e de a pedir.

Jesus está pronto a auxiliar-nos e a fortificar-nos nos dias da tribulação e da perseguição, de modo a transformar a nossa prova num verdadeiro triunfo.

«Eu pedi para que a tua fé não desfaleça». Não nos devemos queixar nem lamentar. Pelo contrário, revistamo-nos da armadura da fé e cinjamo as armas da coragem. Tomemos a nossa cruz e sigamos o Mestre.

A Caridade

Devemos amar os nossos inimigos e orar por eles, principalmente por aqueles que nos tratarem despiadadamente e nos perseguirem. As recompensas das Bem-aventuranças não são para aqueles que alimentarem ressentimentos. Não há lugar, nas Bem-aventuranças, para os jovens que pretenderem tirar desforra daqueles que os ofendem.

«Olho por olho e dente por dente», era a máxima dos tempos idos. Mas Jesus ensinou-nos a máxima da caridade. Devemos cultivar o optimismo. Devemos depositar grandes esperanças nos nossos amigos. Devemos cultivar e acarinhlar o bem, o espírito de perdão, o amor de que se manifesta em boas obras e abençoarmos os nossos inimigos. Mesmo que nos tenham infligido as mais profundas feridas da alma, mesmo assim, de acordo com o exemplo do Salvador, devemos perdoar e não guardar nenhum ressentimento. De facto, apesar de tudo o que nos tiverem feito de mal, pensemos que o nosso perseguidor não foi capaz de nos prejudicar mais, pelo que dispõe de pequeno poder. Não foi capaz de nos tocar no coração. A vingança é muitas vezes como um esgrimista que é tocado pelo seu próprio golpe.

Suportar a perseguição, mas não odiar o perseguidor. A verdade, afinal, é que o nosso perseguidor é nosso amigo, porque nos abre as portas do reino do céu. Há uma futura recompensa no reino do céu, onde os homens serão recompensados, de acordo com o trabalho das suas vidas — de acor-

(Continua na pág. 28)



O Auxiliar da Escola Sabatina

Ano I

Abril de 1961

N.º 4

Para a Divisão dos Adultos

TEMA GERAL — JUSTIÇA PELA FÉ EM CRISTO

LIÇÃO 1 — 1 DE ABRIL DE 1961

A Justiça

VERSO ÁUREO: Jeremias 23:6.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das lições.

ALVO DA LIÇÃO: Auxiliai-nos a compreender o significado, fonte e objectivo da justiça.

Introdução

«Para o antigo hebreu 'justiça' significava especialmente *correspondência com a vontade Divina*. O pensamento de Deus, indubitavelmente, talvez jamais esteve totalmente ausente de sua mente quando ele usava a palavra». — *Dictionary of the Bible*, editado por James Hastings, completo em um volume, publicado pela Cribners, New York, 1927, página 800.

«A justiça não existe fora do plano de Deus, pois implica conformidade com os preceitos eternos. O homem justo não é apenas 'bom', mas ele segue o que Deus prescreveu para os homens. A bondade tende a ser uma qualidade discutível uma vez que o que é bom é tão amíúde definido simplesmente em termos subjectivos. Porém o que é justo envolve um preceito divino, não humano.

«A justiça não é, contudo apenas a conduta. Há a justiça que os homens podem praticar — esta é a justiça moral — e a justiça que os homens podem receber de Deus — esta é a justiça imputada ou concedida. A última é o 'dom da justiça' (Romanos 5:17), também chamado justiça pela graça de Deus, que nos vê como podemos ser, e não como somos». — Eugene A. Nida, *God's Word in Man's Language*, pág. 144.

A justiça Divina

Salmo 119:142. «A Tua justiça é justiça eterna».

Em seu comentário sobre Salmo 119:142, Adão Clark declara que a *justiça* «é uma palavra de signifi-

ficado muito extenso na Bíblia. Não significa apenas a justiça inerente de Deus e perfeição por natureza, mas também Sua maneira de tratar os indivíduos; Seu plano de redenção; Seu método de salvar as pessoas».

A Justiça de Cristo

Heb. 1:9. Talvez a mais excelente e inspiradora declaração com respeito à justiça em toda a Palavra de Deus», é esta descrição em Hebreus 1:9, diz A. G. Daniells deste texto, em seu excelente livro, *Christ Our Righteousness*, ed. de 1926, pág. 17.

O amor de Cristo pela justiça possibilitou Seu Pai a exaltá-l'O. O que deve ser básico na vida dos seguidores de Cristo é o amor pela justiça e seu contrário — ódio pelo mal ou «ausência de lei» (Moffatt). A justiça é colocada como a antítese, o oposto directo da iniquidade ou pecado. Nenhum mal foi fundado em Jesus porque o Seu coração e vida foram cheios de justiça. Em virtude de Seu supremo amor pela justiça e Seu ódio intenso pelo mal, Deus pôde exaltá-l'O.

Rom. 3:10; Isa. 64:6. Estes versos demonstram convincentemente que o homem não tem nele inerente a justiça. De facto, ao invés da justiça estar implícita nele ou lhe pertencer por natureza, ele está pelo contrário cheio «com toda a injustiça» (Rom. 1:29). No undécimo verso de Romanos 3, Paulo ainda descreve plenamente este estado da injustiça do homem nas palavras: «Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis».

Cristo — Nossa Justiça

Jer. 23:6. Por todas as Sagradas Escrituras Cristo é exposto como nossa justiça, e este tema ocupa extenso espaço na Palavra de Deus.

«A narração da criação revela a maravilhosa sabedoria e poder de Cristo, por quem todas as coisas foram criadas. Col. 1:14-16. O pecado do primeiro homem, Adão, com todas as suas terríveis consequências, é relatado a fim de que Cristo, o último Adão, possa ser aclamado como Redentor e Restaurador. Rom. 5:12-21. A morte com todos os seus

terrores são postos perante nós para que Cristo possa ser exaltado e glorificado como o Doador da vida. I Cor. 15:22. Os desapontamentos, tristezas, e tragédias da vida estão relatados para que Cristo possa ser visto como Confortador e Libertador. S. João 16:33. A nossa natureza pecaminosa e corrupta é apresentada em pálidas cores a fim de que se possa apelar a Cristo para purificação, e possa na realidade estar connosco 'o Senhor justiça nossa'.

«Assim é através de todo o Volume Sagrado, — cada fase da verdade revelada, aponta de alguma maneira para Cristo como nossa justiça». — A. G. Daniells, *Christ Our Righteousness*, 1926 ed., págs. 15 e 16.

A maneira de receber a justiça de Cristo é ainda explicada no *Desejado de Todas as Nações*, pág. 227:

«A justiça ensinada por Cristo é conformidade de coração e de vida com a revelada vontade de Deus. Os pecadores só se podem tornar justos, à medida que têm fé em Deus, e mantêm vital ligação com Ele. Então a verdadeira piedade lhes elevará os pensamentos e enobrecerá a vida. Então, as formas axternas da religião se harmonizam com a interior pureza cristã».

A Prática da Justiça

Dan. 4:27. A figura aqui usada é a de tirar o jugo de sobre o pescoço. Actos de justiça e boas obras certamente têm o seu lugar na vida religiosa e a fim de aprender a mente do Altíssimo, justiça não é meramente esta do coração mas a da cabeça e da mão — cumprimento do plano, as obras da justiça, que socorrerão aos oprimidos e necessitados.

Por meio do permanecer em Cristo o reinado da graça na vida demonstrar-se-á na vida do crente — ele andar-á correctamente, operará a justiça e falará a verdade no coração.

«Quando um homem se converte a Deus, cria-se uma nova experiência moral; e ele ama as coisas que Deus ama; pois a sua vida está estreitamente ligada à de Jesus, pela cadeia de ouro das imutáveis promessas. O seu coração está voltado para Deus. Sua oração é: 'Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da Tua lei». No imutável preceito ele vê o carácter do Redentor, e sabe que conquanto a tenha pecado, não deve ser salvo nos seus pecados, mas dos seus pecados; pois Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». — *The Review and Herald*, 21 de Junho de 1892.

Isa. 32:17. «E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça repouso e segurança, para sempre».

A genuína obra da justiça será reconhecida por seus efeitos, pelos resultados obtidos. Não será efectuada por meio de ensino dogmático. Não será acompanhado por divisões e contendas. A prova de sua origem divina será paz — no coração, no lar, na igreja, na comunidade. Dará segurança e estabilidade a todos os que se acham sob a sua influência.

«Quando Cristo está no coração este será tão brando e subjugado pelo amor a Deus e ao homem que a irritação, a crítica, e a contenda ali não existirão. A religião de Cristo no coração dará ao seu possuidor uma completa vitória sobre as paixões que está procurando vencer». — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 610.

Conselho para Buscar a Justiça

S. Mat. 5:6. «Os que têm fome e sede de justiça».

«Abençoados, afortunados, felizes e espiritualmente prósperos [isto é, no estado em que os filhos de Deus nascidos de novo gozem o Seu favor e salvação] são os que têm fome e sede de justiça (rectidão e justiça permanecem perante Deus), porque eles serão totalmente satisfeitos!» (The Amplified New Testament.)

LIÇÃO 2 — 8 DE ABRIL DE 1961

A Grande Necessidade da Igreja

VERSO ÁUREO: S. João 17:3.

LEITURAS AUXILIARES: Testemunhos, vol. I págs. 374-387; *Parábolas* págs. 315-327; S. D. A. *Bible Commentary*, nos textos citados.

Introdução

Em Apocalipse 14:6-12, temos uma descrição da obra da Igreja. Esta obra consiste em proclamar ao mundo a última mensagem de misericórdia. A fim de preparar esta Igreja para a sua grande tarefa, Deus dirige-lhe uma mensagem de repreensão e de encorajamento, que lhe diz respeito, exclusivamente.

A mensagem a Laodiceia não é, portanto, uma mensagem de condenação, mas de advertência. Contém um dos mais belos passos de toda a Bíblia. Jesus é aí representado como estando a bater à porta, esperando que se lhe abra para entrar e ficar no coração de cada crente.

Sabemos que embora a Igreja pareça fraca e imperfeita, contudo é o único objecto, neste mundo, sobre o qual Deus repousa o seu olhar divino e amoroso.

I — *A mensagem a Laodiceia* (Perg. 1 e 2).

II e 2 — Apoc. 3:14 «Escreve ao anjo da igreja de Laodiceia: Isto diz o Amén:»

A mensagem é dirigida ao ministro ou mensageiro da Igreja de Laodiceia. Esta igreja situada na Asia Menor foi uma das comunidades cristãs dos

tempos apostólicos. O seu nome e as suas condições nas quais se encontrava, têm neste texto, um valor simbólico, como de resto tudo o que diz respeito às seis outras igrejas mencionadas no Apocalipse. Estas sete comunidades representam as diferentes fases da Igreja cristã, no decorrer das idades. Laodiceia é a última das sete.

«Amén». Esta palavra, assim como as outras que a acompanham: «A testemunha fiel e verdadeira», identifica Jesus, que é o autor das cartas dirigidas às sete igrejas». (S. D. A. Bible Com.).

II — Três declarações solenes (Perg. 3-5).

3 — Apoc. 3:15, 16.

Laodiceia era uma importante cidade industrial e comercial, assim como um centro de ensino da medicina. Fundada por Antíoco II (261-246), em frente de Hierápoles, possuía abundantes águas termais, que correndo para o vale de Lico, onde estava edificada, se tornavam tépidas e impossíveis de beber. A sua prosperidade, como no-lo indica a carta, levava-a a viver uma vida lúgubria em que os sentimentos religiosos iam enfraquecendo continuamente.

Deus não pode suportar um cristão tívido, tibio. Prefere a frieza espiritual. «Melhor seria que os que se deleitam na sua tibieza espiritual, nunca pronunciassem o nome do Senhor. Tais cristãos tibios não passam de um empecilho para os discípulos fiéis de Jesus, e uma pedra de escândalo para os descrentes». (Test. vol. I, pág. 188).

«Vomitara da boca». Para Deus, tal expressão significa que não pode aceitar assim as nossas orações. Não pode assim, nem sancionar o nosso ensino da sua Palavra, nem os nossos exercícios religiosos». (Id. vol. VI, pág. 408).

Contudo o estado de Laodiceia não é desesperado. Mesmo que alguns dos seus membros sejam «vomitados» da boca de Deus, ainda assim ela é objecto do seu amor. A redenção é sempre possível para os que renunciam aos seus pecados e abrem os seus corações ao Senhor.

Perg. 4 e 5. Apoc. 3:17.

A cegueira espiritual produz o estado de complacência e de satisfação. Ser pobre, cego e estar nu são termos que descrevem bem a situação abjecta da miséria moral.

III — O tríptico remédio (Perg. 6-9).

Perg. 6, 7 e 8.

«O ouro provado pelo fogo, é a fé que opera pela caridade. Só assim é que se pode restabelecer a harmonia com Deus. Podemos ser activos, fazer boas obras, mas se não tivermos o mesmo amor que enchia o coração do Salvador, nunca faremos parte da família celeste». (Parábolas, p. 155).

Encontramo-nos entre os pobres, os cegos e os nus; por isso temos necessidade de comprar. Isaías a isso nos convida: «Vinde, comprai sem dinheiro e sem preço. . .» (55:1). Tudo se obtém pela graça divina.

As vestes brancas são as vestes da justiça do Salvador. Lemos em Isaías: «Vestiu-me de vestidos de salvação, cobriu-me com o manto de justiça». (61:10). O branco simboliza a santidade, a santificação, «sem a qual ninguém verá o Senhor». (Heb. 12:14).

«O colírio — diz a Irmã White — é a sabedoria e a graça que nos permitem distinguir entre o bem e o mal, e também descobrir o pecado sob todas as suas formas. O colírio divino comunica luz à inteligência». (Test. vol. I p. 548).

Perg. 9 — Apoc. 3:19.

«Reprende todos aqueles que ama. Os seus castigos não são limitados a uma das sete Igrejas, ou só a alguns indivíduos, mas estendem-se a todos aqueles que os merecem.

A mensagem a Laodiceia deve ser proclamada com poder, porque é especialmente destinada para a nossa época. Hoje, mais que nunca, reinam o orgulho, as ambições mundanas, a hipocrisia, as seduções. Muita gente diz: «Estou rico; não tenho necessidade de nada». Por isso mesmo é que são «pobres, miseráveis, cegos, nus». — (E. — G. White Comments, in S. D. A. Bible Com.).

IV — A ceia nupcial (Perg. 10-12).

Perg. 10 — Mat. 22:2.

Nesta parábola, como na da grande ceia, estão figurados o convite evangélico, a sua rejeição pelo povo judeu e a vocação dirigida aos Gentios». (Parábolas, p. 315).

Perg. 11 e 12. Mat. 22:11.

«Quando o rei entrou para ver os que estavam à mesa, pôs-se em evidência o carácter de cada um dos presentes. A todos se entregava um traje para assistir à boda. Era um presente do rei. Vestindo-o, os convidados honravam o hospedeiro. Pois um dos presentes não tinha vestido o traje próprio. . .

Tecido nos teares do céu, aquele vestido não tem nem um só fio da sabedoria humana; na sua humanidade, Jesus formou, efectivamente, um carácter perfeito, que nos quer comunicar. . .».

V — O conhecimento essencial e a experiência (Per. 13 e 14).

Perg. 13. — João 17:3.

Embora a salvação não dependa só do conhecimento, não há salvação sem conhecimento. Os homens perder-se-ão no último dia, porque recusaram

aceitar o conhecimento salvador, tal como se encontra em Jesus.

Perg. 14 — Apoc. 3:20, 21.

Inspirados hinos e quadros maravilhosos têm imortalizado a promessa contida nesta carta à Igreja de Laodiceia. É assim que o amor do Salvador revestiu uma nova beleza, mesmo para os que não sentem a necessidade de melhorarem a sua condição espiritual. Jesus aproxima-se de todos os pecadores; nem espera que nos dirijamos a Ele; é Ele mesmo quem bate à porta do nosso coração como um amigo e espera pacientemente que abramos.

LIÇÃO 11 — 15 DE ABRIL DE 1961

O plano eterno de Deus

VERSÍCULO ÁUREO: O da lição do Trimenário.

LEITURAS AUXILIARES: *Patriarcas e Profetas*, capítulos 1 e 2; *O Conflito dos Séculos*, cap. 29; *S. D. A. Bible Commentary*, nos textos citados.

Introdução

Comparados com o amor infinito de Deus, todo o amor paternal que os homens têm manifestado através das gerações, todas as demonstrações de ternura que têm feito vibrar as suas almas, não formam senão como que um pequenino riacho perante o oceano. A língua não pode exprimir o amor divino, nem a pena descrevê-lo. Podemos torná-lo objecto das nossas meditações, durante todos os dias da nossa vida; podemos sondar com ardor as Sagradas Escrituras; podemos apelar para todas as faculdades, que Deus nos concedeu, e nunca chegaremos a compreender o amor do nosso Pai celestial que entregou o seu Filho à morte para a salvação da humanidade.

Nem a eternidade será suficiente para nos revelar a grandeza de tal amor. Contudo, quando estudamos a Bíblia, e quando meditamos na vida do Salvador e no plano da redenção, estes grandes temas tornam-se cada vez mais claros ao nosso entendimento.

I — *A natureza de Deus* (Perg. 1-3).

Perg. 1 e 2. — Apoc. 1:8.

Nesta lição, as «características da divindade» são mencionadas no seu sentido geral. Certos teólogos procuram separar a natureza de Deus das qualidades do seu carácter, que nós chamamos seus atributos. Os atributos de Deus (que são naturalmente a mes-

ma natureza de Deus) são o amor, a verdade, a misericórdia, a justiça, a pureza, a santidade, etc.).

Tem-se sugerido que as características da natureza de Deus são em número de cinco. Tais características distinguem-n'O de todos os outros seres do universo. São elas: 1) — a sua eternidade: Deus não tem começo, nem fim (Apoc. 1:8); 2) — a sua onisciência: Deus conhece todas as coisas (Isaías 40:28); 3) — a sua imutabilidade: não pode mudar, é perfeito (Isaías 46:9-11); 4) — a sua omnipresença: está em toda a parte. Embora a sua presença seja espiritual, é real. (Actos 17:27, 28); 5) — a sua omnipotência: é todo poderoso (Jeremias 32:17).

Perg. 3 — Heb. 1:8.

Embora a Bíblia seja bastante sóbria sobre explicações referentes ao governo de Deus no céu, todo aquele que chegar a um certo conhecimento do carácter de Deus e das alusões bíblicas ao governo divino, poderá parcialmente penetrar no plano estabelecido pelo Criador para governar o universo.

«A autoridade de Deus tem por fundamento a bondade, a misericórdia e o amor; o único meio que emprega, é fazer conhecer os seus princípios. O governo de Deus é um governo moral; são a verdade e o amor que lhe asseguram a vitória». (*Jésus-Christ*, p. 405).

II — *O plano de Deus na criação* (Perg. 4-6).

Perg. 4 — Heb. 1:2.

«O Filho de Deus é o esplendor da glória do Pai. O Pai é a glória; o Filho é o esplendor: é Deus de Deus, luz de luz.

Deus criou todas as coisas pelo seu Verbo, pelo seu Filho, pela sua Sabedoria; não que o Filho de Deus tenha sido um executante, ou o instrumento de que o Pai se serviu para produzir todos os seres: mas o Verbo, a Sabedoria foi o ordenador. O Verbo é a inteligência exteriorizada, a *Palavra de Deus*. (J. — A. Petit, vol. XVI, *La Ste Bible*, p. 488).

Perg. 5 — Isaías 43:7.

«O plano de Deus na criação era que a terra fosse habitada por seres, cuja existência deveria ser uma bênção para eles mesmos e para os outros, assim como uma honra para o Criador». Profetas e Reis, p. 500).

O plano de Deus não mudou. Prometeu aos «mansos» que herdarão a terra (Mat. 5:5).

Perg. 6 — Jeremias 31:3.

«O Eterno que amou o seu povo desde toda a eternidade, permanecer-lhe-á sempre fiel». (Bíblia Anotada).

A harmonia do universo enche-nos de admiração; mas que dizer do amor de Deus para com os ho-

mens? «A misericórdia, a compaixão e o amor de Deus, semelhantes a uma cadeia de ouro, envolvem toda a alma que se encontra em perigo». (Parábolas, p. 201).

III — O homem sujeito à prova (Perg. 7-9).

Perg. 7 — Ecles. 7:29.

«Poderíamos ser tentados a tornar Deus responsável pela universalidade do pecado e pela extrema raridade do bem, no mundo. O Eclesiastes rejeita uma tal conclusão. Deus criou o homem justo, à sua imagem; mesmo depois da queda, ainda o homem ficou com a consciência (Rom. 2:15). Se os homens são facilmente seduzidos, é porque as suas paixões lhes sugerem falsas desculpas. Abandonam a simplicidade de que fala 2 Cor. 11:3. Como Eva, escutam a voz da mentira (Tiago 1:13, 14).

Perg. 8 — Deut. 30:15-20.

O homem fora colocado na terra como um ecónomo, um despenseiro. Deus é que é o proprietário. Proibira ao homem que comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Adão devia compreender que tudo pertencia a Deus . . . Seria respeitando esta ordem que os nossos primeiros pais poderiam provar a sua gratidão e fidelidade para com o Criador. . . »

«O Senhor fez-nos parte do maior tesouro do céu na pessoa de seu Filho. Com Ele deu-nos tudo. Os produtos do solo, as abundantes messes, o ouro, a prata, tudo isso vem de Deus. As casas, o terreno, os alimentos, o vestuário são dádivas de Deus. Mas também nos pede que O reconheçamos como o Senhor de tudo. Por isso exige de nós a décima parte — o dizimo — de tudo o que possuímos, além dos dons e ofertas. Este nosso contributo faz parte do tesouro sagrado que Ele destina à proclamação do Evangelho por todo o mundo». (*Counsels on Stewardship*, p. 65).

Perg. 9 — Actos 17:28.

«As palavras do Apóstolo exprimem o pensamento que não só dependemos do Criador, mas que todas as nossas actividades: físicas, mentais, espirituais, nos vêm de Deus. No ensino de Paulo, a onnipotência e a onisciência de Deus têm um destaque especial. É d'Ele que procedem todas as coisas, e é Ele que as mantém». (*S. D. A. Bible Com.*).

IV — A vontade revelada de Deus: um guia (Perg. 10-14).

Perg. 10 — Rom. 7:12, 14.

Paulo recorda um facto que os seus leitores conheciam tão bem como ele: a Lei é espiritual, isto é, conforme ao Espírito Santo que a inspirou: reflecte a santidade de Deus que não julga só as obras

exteriore, mas os pensamentos e os sentimentos, mesmo os mais secretos do coração.

O termo *espiritual* exprime mais a natureza que a origem da lei.

Perg. 11 e 12. — Mateus 19:17.

«A maneira de agir de Jesus relativamente ao jovem deve ser uma lição para nós. Deus deu-nos a regra de conduta que cada um dos seus servidores deve seguir. Trata-se de obediência à lei; não uma obediência meramente legal, mas uma obediência que penetre na vida e que se manifeste no carácter». (*Jésus-Christ*, p. 243).

Perg. 13 — Isaías 45:18.

O objectivo último de Deus na salvação do homem e do mundo é o estabelecimento de um reino, em que reinará a justiça.

Perg. 14 — I João 5:2, 3.

«O amor de Deus pelo homem é a manifestação terrestre do amor de Deus em absoluto. Foi para revelar este amor que faz de nós filhos de uma mesma família, que o Rei dos reis se identificou conosco. Quando tivermos realizado estas palavras: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei» (João 15:12); quando amarmos o mundo, como Ele o amou, então a nossa missão estará cumprida. Estaremos prontos para o céu; porque já teremos o céu nos nossos corações». (*O Desjado de todas as Nações*, p. 641).

LIÇÃO 12 — 22 DE ABRIL DE 1961

VERSÍCULO AUREO: O mesmo da lição do Trimensário.

LEITURAS AUXILIARES: Patriarcas e Profetas, Cap. 3; *S. D. A. Bible Commentary* nos textos citados.

Introdução

É só pela Bíblia que podemos conhecer o início da história do mundo, a criação do homem e a sua queda. Se suprimirmos a Palavra de Deus só teremos fábulas e conjecturas. Temos necessidade da história autêntica da origem do nosso mundo, da queda de Lúcifer e da introdução do pecado no mundo. Sem a Bíblia só teríamos falsas teorias e o nosso espírito vaguearia por entre as mais descontraçadas superstições e erros. Possuindo, porém, a narração autêntica das origens, não temos nenhuma necessidade de nos perdermos em conjecturas e nessas teorias humanas incontroláveis». (*Medical Ministry*, p. 89).

I — *A rebelião de Lúcifer* (Perg. 1-2).

Perg. 1 e 2 — Ezequiel 28:12 e 15.

«O primeiro pecador era um ser que Deus tinha honrado altamente. É representado na figura do rei de Tiro, quando este se encontrava na fastígio do poder. Mas, pouco a pouco, Satanás foi-se exaltando.

Embora toda a sua glória lhe viesse de Deus, este anjo poderoso anjo acabou por atribuí-la a si mesmo. Não se contentando com a sua alta situação, cobiçou as homenagens que eram devidas ao seu Criador. Cobiçando a glória que o Pai tinha concedido ao Filho, este príncipe dos anjos procurou atribuir a si mesmo o poder que pertencia só ao Filho de Deus». (E. - G. White *Coments, in S. D. A. Bible Com.*).

II — *Resultados da rebelião* (Perg. 3-4).

Perg. 3 e 4 — Apocalipse 12:4, 7-9.

«Expulso do céu, Satanás estabeleceu o seu reino nesta terra. E, desde então, tem-se esforçado por seduzir os homens, para os afastar de Deus. Emprega para isso os mesmos processos que já deram resultado no céu. Os homens tornam-se assim tentadores para os seus semelhantes; alimentam os mesmos sentimentos que Satanás. Debaixo da sua influência, corrompem-se uns aos outros». (*Id.*, sobre Apocalipse 12:7).

III — *A queda do homem* (Perg. 5-7).

Perg. 5 — Gênesis 3:1-6.

A tentação que assaltou Eva, no Eden não se destinava provocar nela um desejo irresistível de comer do fruto proibido. Eva foi provavelmente fascinada pelas declarações de Satanás, que lhe assegurava que «a árvore era preciosa para abrir a inteligência». Tratava-se para ela, ou de obedecer a Deus, ou de cometer uma acção má, contrária à ordem formal do Criador, mas que constituía, como ela supunha, um sinal de independência.

Perg. 6 — I João 2:15-17.

«É necessário renunciar ao amor do mundo. Não é possível nenhum compromisso: «A amizade do mundo é inimizade contra Deus» (Tiago 4:4). O cristão não pode amar o mundo, e S. João acrescenta *nem o que está no mundo*, o que faz do mundo aquilo que é, o que representa o seu espírito e perigos... A incompatibilidade do amor de Deus com o amor do mundo é tão radical que se pode estabelecer o princípio de que o amor do mundo implica a privação do amor de Deus». (A. Charue, *Les Esp. de S. Jean*, p. 529).

Perg. 7 — I Timóteo 2:14.

«Foi Eva que foi seduzida pelo diabo (Gênesis 3:13; 2 Cor. 11:3). Contudo, Adão pecou

plenamente consciente. Por amor por Eva assumiu voluntariamente as consequências da sua transgressão». (S. D. A. Bible Com.).

IV — *Os resultados da transgressão* (Perg. 8-11).

Perg. 8, 9 — Isaías 59:1, 2.

Na criação, a vontade de Deus era que o homem o servisse por amor. Mas o homem recusou-se a isso. Hoje, o Senhor quer reconciliar os pecadores pelos merecimentos de Jesus. Mas os homens nem sempre querem este amor. Irão perseverar até ao fim nesta atitude? A grande maioria fá-lo-á.

O pecado é um mistério. Não somos capazes de lhe encontrar uma explicação. Sabemos, porém, que procede do homem e não de Deus. Não entraremos no céu, se rejeitarmos o apelo que o Senhor nos dirige: «Vinde a mim para terdes a vida».

Perg. 10 — João 8:34.

«Eis a escravatura de que eu vos queria falar, e a liberdade que vos queria dar». «As iniquidades são como tantas cadeias que prendem o ímpio», diz Salomão (Prov. 5:22).

É evidente que cada qual é escravo daquilo pelo que se deixa vencer, diz o apóstolo Pedro; e aquele que comete o crime, não é vencido pela concupiscência e pelo pecado? Que maior servidão do que aquela? Um escravo pode pedir para mudar de senhor; pode esperar que o seu senhor ou ele mesmo morram e assim terminar o seu cativeiro; também pode escapar, mediante a fuga; mas o escravo do pecado não tem nenhum destes meios para se libertar; só lhe resta converter-se a Deus, recorrer a Deus, abraçar a fé e a verdade».

A emancipação da escravatura do pecado só é possível por Jesus Cristo. Só Ele é que pode tornar livres. (Recorde-se João 8:36).

Perg. 11 — Romanos 6:23.

O pecado é personificado como o senhor natural do homem, e é representado como pagando aos seus súbditos, com a morte. Este termo no pensamento do apóstolo não parece designar a aniquilação do pecador. Pagar a alguém não é suprimi-lo; é, antes, fazer-lhe sentir as consequências dolorosas das suas faltas. Na segunda proposição, o apóstolo já não fala de um *salário*, mas de um *dom de graça*. Este termo é tomado, aqui, no seu sentido mais geral; compreende a plenitude da salvação». (F. Godet, *L'Ep. aux Rom.*, p. 74).

V — *Restauração por Jesus* (Perg. 12).

Perg. 12 — João 16:33.

«Tende confiança em mim, diz Jesus aos discípulos, no meio de todas as aflições que tereis de sofrer da parte do mundo. Não foi para mim que

eu venci; foi para vós, para vos comunicar o direito e o poder de vencerdes.

Com as suas últimas recomendações, antes de morrer, Jesus desejava que os discípulos possuissem a paz — e não só a calma, a quietação — que era a sua perante o sofrimento e a morte.

SÁBADO, 29 DE ABRIL

Restabelecimento da união com Deus

VERSÍCULO ÁUREO: O mesmo da lição do Trimensário.

LEITURAS AUXILIARES: *O Desejado de Todas as Nações*, p. 328-332; *S. D. A. Bible Commentary* nos textos citados.

Introdução

Notámos nas lições anteriores que a justiça não é inerente à natureza humana. Efectivamente, a natureza humana está cheia de injustiça. Mas no Evangelho aprendemos que Deus preparou um meio de purificar o homem da sua injustiça. Reveste-o da perfeita justiça de Jesus e restabelece-o na comunhão com o céu. Este plano foi concebido antes da fundação do mundo, e revelado a Adão assim que o pecado entrou no mundo. Nas origens do conflito entre o bem e o mal, o homem esperou e teve confiança; contou com a misericórdia divina. A Bíblia revela que desde Adão até ao fim dos tempos apostólicos, os homens repousavam na justiça do alto. Tinham assim a confiança da sua salvação.

I — *O amor de Deus* — Perg. 1-3.

Perg. 1 — João 14:9.

«No céu e na terra, Deus deu-nos garantias sem conta, da sua bondade. Por intermédio da natureza e mediante provas de um amor mais terno e mais profundo que o coração humano jamais pode conceber, esforçou-se por se revelar à humanidade. Mas tudo isto não é senão um pálido reflexo do seu carácter. O inimigo do bem cegou o espírito dos homens a tal ponto que se aproximam de Deus com temor, e consideram-n'O como um ser severo e implacável. Satanás faz passar o nosso Pai celestial como um ente de uma justiça inflexível, como um juiz severo, como um credor duro e inexorável. Foi para dissipar este véu de trevas, pela revelação do amor infinito do Criador que Jesus veu viver entre os homens». (*Vers. Jesus*, p. 11).

Perg. 2 — I João 4:10.

O texto citado mostra-nos o dom inestimável que mostra o infinito amor de Deus. Deus ama-nos não a título de reciprocidade, mas espontaneamente, porque a sua natureza é toda amor.

Perg. 3 — Romanos 2:4.

A bondade de Deus manifestou-se em todos os seus benefícios para com Israel. Em vez de arrependimento pode traduzir-se por conversão; o termo grego designa uma mudança de espírito, de disposições morais.

II — *Para a união mediante a renúncia de si mesmo* (Perg. 4-6).

Perg. 4, 5 — Lucas 9:23.

«Pedro renegou o seu Senhor. «Não o conheço», disse ele. Renunciando a nós mesmos, também devemos poder dizer: «Não me conheço a mim mesmo». Se formos verdadeiros discípulos de Jesus, trataremos o eu como se já não existisse.

Perg. 6 — Apocalipse 3:20.

«A testemunha fiel e verdadeira diz: «Eis que estou à porta e bato». Cada advertência, cada censura, cada solicitação da Palavra de Deus, ou dos seus mensageiros é uma pancada batida à porta do nosso coração. Por cada pancada que não responde, vai-se tornando sempre mais fraco o desejo de abrir. Se a voz do Salvador não for ouvida imediatamente, confundir-se-á com uma multidão de tantas outras que provêm dos cuidados do mundo. Jesus bate à porta do nosso coração tanto pela prosperidade como pela adversidade; tanto pela saúde como pela doença. Temos de ouvir o seu bater, e abrir imediatamente.

III — *Como é que Paulo foi transformado* (Perg. 7-11).

Perg. 7 — Actos 22:4.

Muitos pormenores da vida de Paulo podem ser deduzidos das palavras que o apóstolo pronunciou em certas ocasiões.

Os Actos dos Apóstolos fazem-nos conhecer Paulo quando ainda era um perseguidor da Igreja. Nos escritos do apóstolo, a palavra *caminho* é sinónimo de cristianismo.

Perg. 8 — Actos 7:58-60.

Saulo, o perseguidor, que assistiu à lapidação de Estêvão, nunca esqueceu este espectáculo. Estêvão manifestou o espírito do Mestre; orou pelos seus perseguidores para que Deus não os tivesse responsáveis pela sua morte.

Perg. 9-11 — Actos 9:4.

«Que humilhação para Paulo quando soube, que no seu suposto zelo pela glória de Deus, perseguindo a Igreja, estava a perseguir o mesmo Deus! Quando Jesus se lhe revelou, ficou consternado. A glória do Salvador poderia tê-lo aniquilado; apenas cego, mas ficou espiritualmente iluminado; despertou da

sua letargia. A sua consciência, agora esclarecida, arma-se em acusadora; o seu zelo de perseguidor enche-o de remorsos. Percebe que sua justiça de nada vale; a lei divina condena-o no seu espírito e nos seus actos. Vê-se tal qual é: pecador, perdido, sem o Salvador que ele tinha perseguido. Durante os dias e as noites em que esteve cego, teve tempo de reflectir, e pôs, então, toda a sua esperança em Jesus Cristo, o único que o poderia perdoar e revestir da sua justiça». (E. G. White *Comments, in S. D. A. Bible Com.*).

IV — *As bênçãos que provêm da união com Jesus* (Perg. 12-14).

Perg. 12-14 — Filipenses 2:12, 13.

«A vida religiosa exige a acção do espírito e do coração, de harmonia com as forças divinas. Nenhum pecador está em condições de fazer qualquer coisa pela sua salvação; mas o Salvador não o salvará sem que o próprio pecador também colabore. Quando, porém, o homem se arrepende, Deus opera

nele, e dá-lhe o poder de se tornar filho de Deus». (*Test.*, vol. VI, pág. 371, 372).

Falamos, muitas vezes, da conversão como se fosse o abandono de uma vida de pecado para uma vida de justiça. Com efeito, renunciando a nós mesmos, e recebendo o Espírito de Deus é que nós nos tornamos novos homens. Mas há mais. Na vida actual, nem sempre é possível determinar a parte que nos toca e a de Deus. A graça divina ajuda-nos a voltarmos-nos nós mesmos para o céu.

«Lembremo-nos de que a nossa vontade determina todas as nossas acções. Esta vontade, tão importante na formação do carácter, foi colocada, depois da queda, debaixo do controle de Satanás, que a arrasta para o mal. Mas Deus dando o seu Filho em sacrificio expiatório pelo pecado, pode dizer aos homens, sem violar um só princípio do seu governo: Dai-vos vós mesmos a mim; renunciad à vossa vontade, libertai-vos do poder de Satanás. Tomarei conta de vós, produzindo em vós «o querer e o fazer, segundo o meu beneplácito».

Quando possuímos o espírito, que o Senhor Jesus manifestava, a nossa vontade será a sua; o nosso carácter será transformado à imagem do carácter do Salvador». (*Testimonies*, vol. V, pág. 515).

(Continuação da pág. 20)

do com o carácter que formaram nesta terra.

«Ninguém vive, realmente, a vida, sem que tenha encontrado qualquer coisa digna de ser feita. Não podemos, efectivamente, possuir o Reino dos Céus, sem que a Causa de Deus se torne a coisa mais importante da nossa vida.

«William L. Stidger refere uma pequena história acerca de um jovem que ele próprio baptizou. Durante a Segunda Grande Guerra, o citado jovem serviu na Marinha. Certa noite o navio em que ele prestava serviço, entrou em Boston, e o jovem foi visitar o seu antigo pastor e amigo. O Dr. Stidger perguntou-lhe qual era a melhor experiência que ele tivera até então. O jovem marinheiro pareceu hesitar, não porque não tivesse uma bastante interessante; simplesmente porque lhe parecia que não tinha palavras suficientemente ex-

pressivas para a contar. Contou então que certa vez comandava um enorme comboio de navios que atravessava o Atlântico. Um dia descobriram que um submarino inimigo enviava um torpedo directo para o navio que ele próprio dirigia e que ia carregado de crianças refugiadas. Não tinha tempo de desviar a rota; artaves dos altifalantes gritou então: «Coragem, rapazes, cá estamos!». Junto do seu navio seguia um *destroyer*, cujo capitão também tinha visto o torpedo. Sem um momento de hesitação, o capitão do *destroyer* mandou seguir a toda a velocidade. O *destroyer* apanhou o choque do torpedo e começou rapidamente a afundar-se, não se salvando nem um só homem da tripulação. Durante alguns momentos o jovem ficou silencioso, para acrescentar: «Dr. Stidger, o capitão daquele *destroyer* era o meu maior amigo. Novamente ficou silencioso e disse,

bastante comovido: «Há um versículo na Bíblia que tem agora, para mim, um significado muito especial; é o seguinte: «Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos» (João 15:13). «Ser pobre de espírito significa renunciar ao nosso orgulho; chorar, significa arrependermos-nos dos nossos pecados; a mansidão quer dizer que nos devemos render ao influxo da graça de Deus; a nossa fome e sede de Deus leva-nos a desviarmos da ambição e de tudo o mais; ser misericordioso significa pagar com bem o mal que nos fazem; pela promessa que nos é feita devemos deixar tudo o que é impuro; fazer paz com os homens é digno dos seguidores de Jesus. São estes os sete ingredientes da Justiça. Têm de ser comprados por bom preço. Bem-aventurados os que pagarem esse preço porque deles é o reino de Deus». Charles S. Allen.